

Personagens

REI HENRIQUE VI.

HUMPHREY, Duque de Gloster, seu tio.

CARDEAL BEAUFORT, Bispo de Winchester, tio-avô do rei.

RICARDO PLANTAGENETA, Duque de York.

EDUARDO } seus filhos.
RICARDO }

DUQUE DE SOMERSET.

DUQUE DE SUFFOLK.

DUQUE DE BUCKINGHAM.

LORDE CLIFFORD.

O JOVEM CLIFFORD, seu filho.

CONDE DE SALISBURY.

CONDE DE WARWICK.

LORDE SCALES, governador da Torre.

SIR HUMPHREY STAFFORD.

WILLIAM STAFFORD, seu irmão.

LORDE SAY.

Um Capitão de navio, um patrão e seu ajudante.

VALTER WHITMORE.

SIR JOHN STANLEY.

Dois gentis-homens, prisioneiros juntamente com Suffolk.

VAUX.

MATEUS GOLFE.

JOHN HUME } sacerdotes.
SOUTHWELL }

BOLINGBROKE, feiticeiro.

Um espírito, invocado por ele.

TOMÁS HORNER, armeiro.

PETER, seu aprendiz.

ESCRIVÃO DE CHATHAM.

PREFEITO DE SANTO ALBANO.

SIMP COX, impostor.

Dois assassinos.

JACK CADE, rebelde.

JORGE BEVIS.

JOHN HOLLAND.

O carneiro DICK, } adeptos de Cade.
o tecelão SMITH, }

MICAEL, etc.

ALEXANDRE IDEN, nobre de Kent.

MARGARIDA, esposa do Rei Henrique.

ELEONOR, Duquesa de Gloster.

MARGERY JOURDAIN, feiticeira.

A mulher de Simpcox.

Nobres, senhoras da nobreza e séquito; arauto, peticionários, um bedel, xerife e oficiais; cidadãos, aprendizes, falcoeiros, guardas, soldados, mensageiros, etc.

Cena

Em várias partes da Inglaterra

Ato I · Cena I

Londres. Uma sala do palácio.

Toque de trombetas; depois, de oboés. Entram, por um lado, o Rei Henrique, o Duque de Gloster, Salisbury, Warwick e o Cardeal Beaufort; por outro, a Rainha Margarida, conduzida por Suffolk; seguem-se York, Somerset, Buckingham e outros.

SUFFOLK · Ao partir para a França, fui por Vossa Majestade Imperial encarregado, como procurador de Vossa Graça, de esposar a Princesa Margarida para Vossa Excelência. E assim, na muito famosa e antiga Tours, sendo presentes os Reis da França e da Sicília, os Duques de Orleans, Calábria, de Alençon, Bretanha, doze barões, vinte colendos bispos e sete condes, pude, enfim, pôr termo à minha comissão e a desposi.

Agora, humildemente, dobro os joelhos e, à vista da Inglaterra e de seus pares, deponho o meu direito sobre a rainha em vossas mãos, que a essência representam do que eu era, tão-só, a grande sombra. Nunca fez um marquês tão feliz mimo; nenhum rei jamais viu tão linda esposa.

REI HENRIQUE ·

Levanta-te, Suffolk. Sede bem-vinda, Rainha Margarida. É-me impossível dar maior prova de afeição do que este beijo afetuoso. Oh Deus, que me criaste! dai-me, também, um peito agradecido, pois nesta face linda me concedes à alma extasiada um mundo de venturas terrenas, se vier amor recíproco unificar os nossos pensamentos.

RAINHA MARGARIDA ·

Grande Rei da Inglaterra e meu gracioso senhor, das conferências que já tive convosco em pensamento, assim de dia como de noite, em sonhos e acordada, em meio aos cortesãos ou a sós comigo, me vem a audácia, meu estremecido monarca, de saudar meu rei em termos desornados, tal como o entendimento

me sugere e a alegria transbordante me dita ao coração reconhecido.

REI HENRIQUE ·

É bela de extasiar; mas seu discurso gracioso, as expressões apresentada com toda a majestade da prudência, o espanto me sufocam, provocando-me lágrimas de alegria. É indescritível a ventura que o peito ora me agita. Lordes, com voz alegre saudai todos o meu amor.

TODOS · Que tenha vida longa Margarida, a ventura da Inglaterra!

RAINHA MARGARIDA · A todos agradeço.

(Fanfarras.)

SUFFOLK · Milorde protetor, se for do agrado de Vossa Graça, os itens aqui se acham do contrato da paz em que acordaram nosso monarca e o Rei Carlos da França durante o prazo de dezoito meses.

GLOSTER · “*Imprimis*, fica assentado entre o Rei da França, Carlos, e William de la Pole, Marquês de Suffolk, embaixador do Rei Henrique da Inglaterra, que o dito Henrique desposará Lady Margarida, filha de Reignier, Rei de Nápoles, Sicília e Jerusalém, e a coroará Rainha da Inglaterra antes do dia 30 do próximo mês de março. Item, que o ducado de Anjou e o condado de Maine ficarão livres de qualquer obrigação e serão entregues ao rei seu pai...”

(Deixa cair o papel.)

REI HENRIQUE ·

Tio, que estais sentindo?

GLOSTER · Meu gracioso senhor, peço perdão, mas um mal súbito me ataca o peito e a vista me perturba, de todo me impedindo ora a leitura.

REI HENRIQUE ·

Tio de Winchester, por obséquio, lede.

CARDEAL · “Item, ficou, ainda, decidido entre ambos que os ducados de Anjou e Maine ficarão livres de qualquer obrigação e serão entregues ao rei seu pai, e que ela será enviada ao Rei da Inglaterra à custa deste, sem levar dote algum.”

REI HENRIQUE ·

Agradam-nos os termos. Ajoelhai-vos,

Lorde Marquês. Cingindo-vos a espada, nós vos criamos o primeiro duque de Suffolk. Primo de York, aliviemos Vossa Graça do peso da regência da França até que expirem os dezoito meses estipulados. Obrigado, meu tio Winchester, Gloster, Somerset, Buckingham, York, Warwick e Salisbury; meu reconhecimento a todos pela recepção feita à minha real esposa. Vamos logo cuidar da cerimônia de sua coroação. Tratemos disso.

(Saem o rei, a rainha e Suffolk.)

GLOSTER · Valentes pares da Inglaterra, fortes pilares da nação, o Duque de Humphrey desabafa convosco seus cuidados, vossos cuidados, sim, de toda a pátria. Foi só para isso, então, que o mano Henrique gastou a mocidade, o ouro e seu povo nas guerras que empreendeu? Não dormiu ele, tantas vezes, no campo, exposto a todas as intempéries, frios e canículas, para fazer valer o seu direito como herdeiro legítimo da França? E, ademais, meu irmão Beaufort não teve de empregar toda a sua inteligência a fim de conservar pela política o que Henrique obtivera? E vós, bravo York, Buckingham, Salisbury e Somerset, não adquiristes fundas cicatrizes na França e Normandia? E eu, porventura, com meu tio Bedford e os mais provectos conselheiros do reino, não ficávamos de manhã até à noite no conselho, considerando todas as maneiras de trazer os franceses, sempre, e a França na mesma sujeição? Sua Grandeza, quando criança, em Paris não foi coroado, a despeito do imigo? Terão sido baldadas essas honras e os trabalhos, a conquista de Henrique, a vigilância de Bedford, vossos feitos nas campanhas e assim nossos alvitres e conselhos? Oh pares da Inglaterra! É vergonhoso semelhante tratado, e o casamento uma fatalidade que vos priva de todo brilho, o nome vos apaga

dos livros da memória, os caracteres riscando que a alta fama vos conservam, derrubando as colunas erigidas na França conquistada e desfazendo tudo, como se nada houvesse sido.

CARDEAL · Sobrinho, a que vem todo esse discurso, essa peroração com tais rodeios?

A França é nossa, e nossa há de ser sempre.

GLOSTER · Sim, meu tio; sê-lo-á, se a conservarmos; mas agora é impossível que o façamos.

Suffolk, o novo duque, que ora o reino dirige como quer, deu os ducados de Anjou e Maine ao pobre soberano Reignier, cuja aparência alucinante não condiz com a pobreza de sua bolsa.

SALISBURY · Pela morte daquele que por todos se ofereceu, esses condados eram da Normandia a chave. Por que chora, porém, Warwick, o meu valente filho?

WARWICK · De tristeza, porque estarão perdidos para sempre. Se fosse ainda possível reconquistá-los, não derramaria lágrimas, porém sangue com esta espada. Anjou e Maine! Eu próprio os conquistei; estes braços ganharam essas terras. E ora vão entregar só por palavras as cidades que o sangue me custaram? Mort Dieu!

YORK · Pereça sufocado o novo duque de Suffolk, por ter, assim, turvado a honra da ilha guerreira. Mais depressa me torturara a França e me arrancara do peito o coração, do que obteria que esse pacto eu firmasse. Nunca soube senão que os reis ingleses recebiam com as esposas enormes somas de ouro. E agora o Rei Henrique o seu despende para casar com quem não possui nada!

GLOSTER · Pilhéria fina, é certo, e nunca ouvida, que Suffolk pedisse nada menos do que quinze avos para fazer foce às despesas com a viagem da rainha. Ficasse ela na França e lá morresse de fome, antes de ter...

CARDEAL ·

Falais com muito ardor, Milorde Gloster.

A nosso rei aprovou o que foi feito.

GLOSTER ·

Lorde Winchester, conheço-vos por dentro; não são minhas palavras que vos causam desagrado; sou eu que vos conturbo. Manifestai logo o ódio. Nessas faces, orgulhoso prelado, eu leio a cólera. Se eu não me for embora, iniciaremos de novo nossa velha alteração. Senhores, passai bem. Após meu trânsito, lembrai-vos desta minha profecia: vamos perder a França fatalmente.

CARDEAL · O protetor se retirou furioso. É sabido que ele é meu inimigo, ou melhor, de nós todos e, receio-o bastante, pouco amigo do monarca. Considerai, senhores: pelo sangue, ele é o primeiro herdeiro da coroa. Se este consórcio houvesse dado a Henrique um grande império e os reinos opulentos do Oriente, é quase certo que ele achara razões para mostrar-se desgostoso. Vede bem, meus senhores, sem que suas frases alambicadas vos seduzam: prudentes sede em tudo e circunspectos. O povo baixo o adula e Humphrey lhe chama, o bom Duque de Gloster. Batem palmas, gritando em altas vozes: Jesus guarde nosso bom Duque de Humphrey! Todas essas frases aduladoras, meus senhores, receio-o muito, podem vir a dar-nos um protetor realmente perigoso.

BUCKINGHAM · Por que dirigir ele o nosso rei, se já tem esta idade de orientar-se? Primo de Somerset, a mim aliai-vos, e em pouco tempo todos nós, com o auxílio do Duque de Suffolk, derrubaremos do seu lugar o altivo Duque de Humphrey.

CARDEAL · Esse grave negócio exige urgência; vou procurar o Duque de Suffolk.

(Sai.)

SOMERSET · Primo Buckingham, embora o orgulho de Humphrey e sua posição nos sejam motivo de desgosto, não percamos de vista esse cardeal cheio de empáfia. Sua insolência é mais intolerável do que todos os príncipes reunidos.

No caso de ser Gloster demitido, ele será o protetor.

BUCKINGHAM · Serás

tu, ou eu, Somerset, em que se oponham a isso o Duque de Gloster e o cardeal.

*(Saem Buckingham e Somerset.)***SALISBURY** ·

Foi-se o orgulho; a ambição lhe vai no encaicho. Enquanto eles só tratam de si próprios, a nós cumpre cuidar do bem da pátria. Nunca vi comportar-se o Duque de Humphrey a não ser como um nobre gentil-homem; mas, ao contrário, vi bastantes vezes este altivo cardeal — que mais parece soldado do que padre, sempre cheio de si mesmo e insolente — sem propósito jurar como um rufião e fazer coisas de todo em todo indignas do alto nome de um regente do império. Caro filho Warwick, meu refrigério na velhice, tua glória, a lhaneza que te é própria, bem como a diligência no governo de tua casa, há muito te granjearam o favor dos comuns, entre os quais o único que contigo se iguala é o Duque de Humphrey. Mano York, o teu papel na governança da Irlanda, conduzindo os habitantes à civil disciplina, os altos feitos que na tua regência realizaste no coração da França, te tornaram temido e honrado, a um tempo, dos do povo. Reunamo-nos, agora, só com o fito do bem público, e esforços envidemos a fim de reprimir e aniquilar o orgulho do cardeal e de Suffolk, e a harta ambição de Somerset e desse Buckingham, amparando o mais possível o bom Duque de Gloster, enquanto ele trabalhar tendo em vista o bem da pátria.

WARWICK · Que Deus ampare Warwick, enquanto sua pátria ele amar e o bem da causa pública.

YORK *(à parte)* · Diz York o mesmo, e sabe por que o faz.

SALISBURY · Sem perder tempo, então, sejamos dignos dos nossos manes.

WARWICK · Nosso Maine foi-se, querido pai! Perdemos o ducado que Warwick havia ganho e poderia ter conservado enquanto fosse vivo. Pensais em manes, pai; eu, no ducado de Maine, que hei de à França novamente tomar ou perecer com minha gente.

(Saem Warwick e Salisbury.)

YORK · Entregamos à França Anjou e Maine; Paris está perdida; a Normandia sem aquelas cidades não se agüenta; Suffolk houve por bem concluir o pacto, os pares concordaram, contentíssimo se acha Henrique por ter feito a barganha de dois ducados pela bela filha de um duque. Não me cabe censurá-los. Que lhes importa o reino? Teus haveres é que eles desperdiçam, não o próprio. Podem gastar à larga os salteadores quanto roubaram, conquistar amigos, presentear cortesãs e viver vida de fidalgos, em festas incessantes, até esbanjarem tudo, enquanto o mísero proprietário lastima os seus haveres, a cabeça sacode, as mãos retorce, desesperado, e à parte se conserva, e, conquanto a partilha esteja vendo de quanto lhe pertence, morto à fome, em nada ousa tocar. Do mesmo modo faz York, a língua morde, não se mexe, atormenta-se, enquanto são vendidas ou trocadas suas terras. Só parece que os reinos da Inglaterra, França e Irlanda

no meu sangue e na minha carne queimam assim como o fatal tição de Altéia no peito do senhor de Calidona. Anjou e Maine entregues aos franceses! É triste essa notícia; era na França que eu fundava o melhor das esperanças e assim no fértil solo da Inglaterra. Há de chegar o dia em que reclame York o que lhe pertence. Eis o motivo de eu com os Nevils ficar e de mostrar-me dedicado a esse altivo Duque de Humphrey, para, no instante azado, apoderar-me da coroa, a áurea meta a que me esforço. Jamais me privará de meus direitos o orgulhoso Lencastre, nem o cetro nas mãos fracas terá nem o diadema na cabeça; o caráter religioso não se coaduna com as insígnias régias. Acalma-te, York, até que venha o tempo favorecer-te; fica alerta e observa, enquanto os outros dormem, porque possas surpreender os segredos da política. E quando Henrique, inteiramente entregue às venturas do amor com a nova rainha, por quem pagou tão caro o reino todo, e Humphrey se desavierem com a nobreza, então eu erguerei a rosa branca que impregnará com seu perfume suave todo o ambiente e farei gravar as armas de York em meus estandartes, para a casa de Lençastre atacar. Assim, valendo-me da força, hei de fazer rolar por terra o governo livresco da Inglaterra.

(Sai.)

Ato I · Cena II

O mesmo. Quarto em casa do Duque de Gloster. Entram Gloster e a duquesa.

DUQUESA · Por que a cabeça deixa meu esposo pender, tal como espiga em demasia carregada por Ceres? Por que causa franze os cenhos o grande Duque de Humphrey, como se o molestasse o belo mundo?

Por que cravas os olhos no chão sujo, contemplando o que a vista te conturba? Estarás à procura do diadema do Rei Henrique, enaltecido pelas honrarias do mundo? Se for isso, continua a fixá-lo e as faces roja, até que ele a cabeça te circunde. Estende o braço e alcança o ouro glorioso.

Não consegues tocá-lo? O meu te ajuda;
e uma vez que o tenhamos entre os dedos,
ao céu levantaremos a cabeça,
sem jamais consentirmos que ao chão baixo
a vista sobranceira se degrade.

GLOSTER · Oh Nell! Se tens amor a teu marido,
do peito expele o cancro da ambição!
Possas algum pensamento, concebido
contra o meu soberano, o pio Henrique,
transformar-se em meu último suspiro
neste mundo mortal. Ora me deixa
triste um sonho angustiante desta noite.

DUQUESA ·
Que sonhou meu senhor? Nada me ocultes,
que eu te retribuirei com o doce conto
do que eu também sonhei de manhãzinha.

GLOSTER · Sonhei que este bastão, preclara insígnia
do meu posto na corte, se partira.
O causador do fato, não me lembra.
Sim, pensando melhor, foi o cardeal.

O certo é que, na ponta dos dois troços,
a cabeça fixaram do primeiro
Duque de Suffolk, William de la Pole
e do Duque Edmundo Somerset.
Só Deus sabe o que o sonho significa.

DUQUESA · Muito simples: indica, tão-somente,
que se vier a quebrar alguém um galho
da alameda de Gloster, a cabeça
perderá sem demora pela audácia.

Mas agora me escuta, meu querido
duque, meu Humphrey: pareceu-me em sonhos
que eu estava sentada em majestosa
cadeira, em plena catedral de Westminster,
onde reis e rainhas vão sentar-se
para serem coroados; a meus pés
se achava Henrique e Lady Margarida,
que o diadema me punham na cabeça.

GLOSTER · Não, Eleonor! Terei de censurar-te.
Mulher louca! Eleonor de maus princípios!
És a segunda dama da Inglaterra,
mulher do protetor e dele amada.

Não desfrutas de todos os prazeres
mundanos, muito mais do que te possa
conceber e abarcar o pensamento?
E hás de forjar traições para, com isso,
derrubares a ti e a teu marido
do alto da honra para o pé da infâmia?

Para trás! Não me fales mais sobre isso.

DUQUESA · Como assim, meu senhor!

[Aborrecestes-vos
com Eleonor, tão-só por vos ter ela
contado o que sonhara? De outra feita
ficarei com meu sonho, para ver-me
livre de repreensões.

GLOSTER · Não te amofines;
já estou de novo alegre.

(Entra um mensageiro.)

MENSAGEIRO · Milorde, é do prazer de Sua Alteza
que vades a cavalo a Santo Albano
à caça do falcão com Suas Graças.

GLOSTER · Pois não! Não quererás, Nell, ir conosco?

DUQUESA · Sim, meu caro senhor; não me demoro.

(Saem Gloster e o mensageiro.)

Se não posso ir na frente, vou segui-los
enquanto se mostrar Gloster de espírito
humilde e tão mesquinho. Fosse eu homem,
um duque, um príncipe de sangue, em pouco
tempo removeria esses escolhos
enfadonhos, andando sobre troncos
decapitados. Mas embora seja
mulher, não me permito por mais tempo
continuar negligente no pomposo
festival da Fortuna. Onde ficastes,
homem? Sir John! Por que tanto receio?
Estamos sós aqui; tu e eu, somente.

(Entra Hume.)

HUME · Jesus ampare Vossa Majestade.

DUQUESA · Majestade! Sou Graça, simplesmente.

HUME ·

Mas com a graça de Deus e os bons conselhos
de Hume, vai Vossa Graça ver em pouco
que esse título cresce.

DUQUESA · Homem, que dizes?

Já falaste com a bruxa inteligente,
a Margery Jourdain, e o feiticeiro
Rogério Bolingbroke? Estão dispostos
a emprender qualquer coisa em meu proveito?

HUME · Prometeram mostrar a Vossa Alteza
um espírito que eles chamariam
do insondável abismo subterrâneo
e que há de responder a tudo quanto
Vossa Graça entender de perguntar-lhe.

DUQUESA · Está bem; pensarei sobre esse assunto.
Logo que retornarmos da caçada

de Santo Albano, a cabo levaremos semelhante projeto. Aceita a paga de teu trabalho. Por enquanto cuida tão-só de te alegrar com teus consócios neste assunto de tanta relevância.

(*Sai.*)

HUME · Hume vai distrair-se com o dinheiro da duquesa. É o que eu quero. Mas, cuidado, Sir John Hume! Cuidado com essa boca; não digais coisa alguma senão: Psiu! O assunto exige o máximo segredo. A senhora Eleonor me dá dinheiro para eu trazer-lhe a bruxa; ainda que venha do demônio, o ouro é sempre um bom presente. Mas também, do outro lado, o ouro me chega; não sei dizer se quem mo envia é o rico

cardeal ou o novo Duque de Suffolk. De qualquer forma a coisa é deste jeito: conhecendo eles a ambição sem peias da senhora Eleonor, dão-me dinheiro para miná-la e pôr-lhe na cabeça essas conjurações. Um biltre astuto, dizem eles, dispensa corretores. No entanto eu sou o agente de Suffolk e do cardeal. Cuidado, Hume, que acabas chamando os dois de biltres astuciosos! Tudo está neste pé; receio muito que venha a ser a tratantagem de Hume a ruína da duquesa. Uma vez ela difamada, cairá também o esposo. Assim ficarei rico e venturoso.

(*Sai.*)

Ato I · Cena III

O mesmo. Um quarto no palácio.

Entram três ou quatro peticionários, entre os quais o escudeiro Peter.

PRIMEIRO PETICIONÁRIO · Ficai perto, mestres! Não demora, milorde protetor vai passar por aqui; será o momento de lhe entregarmos as nossas petições, com todas as formalidades.

SEGUNDO PETICIONÁRIO · Sim. Deus o proteja! É um bom homem. Jesus o abençoe.

(*Entram Suffolk e a Rainha Margarida.*)

PRIMEIRO PETICIONÁRIO · Aí vem vindo ele, me parece, juntamente com a rainha.

Com toda a certeza vou ser eu o primeiro.

SEGUNDO PETICIONÁRIO · Volta, maluco! É o Duque de Suffolk; não é milorde protetor.

SUFFOLK · Então, amigo! Desejas alguma coisa de mim?

PRIMEIRO PETICIONÁRIO · Perdão, milorde; mas eu vos tomei por milorde protetor.

RAINHA MARGARIDA (*lendo os sobrescritos*) · “A Milorde Protetor”. Vossas petições são endereçadas a Sua Senhoria? Deixai-me vê-las. Em que consiste a tua?

PRIMEIRO PETICIONÁRIO · A minha, com licença de Vossa Graça, é contra João Goodman, um dos homens de milorde cardeal, por me ter tomado a

casa, terras, minha mulher e tudo o mais.

SUFFOLK · A mulher também? Grande violência, não há que ver. E a tua, em que consiste? Mas, que é isso? “Contra o Duque de Suffolk, por haver cercado o pasto público de Melford.” Que significa isso, senhor velhaco?

SEGUNDO PETICIONÁRIO · Ai de mim, senhor! Eu sou apenas um pobre peticionário, que falo em nome do nosso distrito.

PETER (*apresentando a sua petição*) · Contra meu mestre Tomás Horner, por ter dito que o Duque de York era o legítimo herdeiro da coroa.

RAINHA MARGARIDA · Que estás a dizer? O Duque de York disse que ele era o herdeiro legítimo da coroa?

PETER · Que meu mestre era o herdeiro? Não; de forma alguma. Foi o meu mestre que disse que ele o era e que o rei não passava de um usurpador.

SUFFOLK · Não há ninguém aí?

(*Entram criados.*)

Prende este sujeito e manda imediatamente um oficial de justiça à casa de seu mestre. Na presença do rei iremos ouvir vosso assunto com mais vagar.

(*Saem os criados com Peter.*)

RAINHA MARGARIDA ·

Quanto a vós, que almejais ser protegidos sob as asas do nosso protetor,

recomeçai; Sua Graça vos espera
para fazer justiça.

(Rasga as petições.)

Fora, biltres!

Suffolk, manda sair toda essa gente.

TODOS · Vamos; saiamos todos.

(Saem os peticionários.)

RAINHA MARGARIDA ·

Milorde de Suffolk, esse é o costume,

a maneira da corte da Inglaterra?

É assim que se governa a ilha Britânica

e de Álbion a realeza? O Rei Henrique

ainda está como simples tutelado

do rezingueiro Gloster? Tenho o título

e o posto de rainha, para ver-me

sujeita a um simples duque? Vou dizer-te,

Pole, uma coisa: quando na cidade

de Tours correste lança em homenagem

do meu amor, e os corações roubaste

às senhoras francesas, fiz idéia

de que como eras fosse o Rei Henrique,

em coragem, maneiras e elegância.

Mas ele só aspira à santidade,

rezar ave-marias no rosário;

os profetas e apóstolos o amparam;

por armas tem sentenças da Escritura;

seu gabinete é a liça de exercícios;

seus amores, apenas as imagens

dos santos que já estão canonizados.

Quisera que o colégio de cardeais

o escolhesse por papa e que ele fosse

para Roma, onde a tríplice coroa

na frente lhe poriam. Fora o estado

mais de acordo com sua santidade.

SUFFOLK · Acalmai-vos, senhora; Vossa Alteza

foi trazida por mim para a Inglaterra.

Quanto em mim estiver, hei de esforçar-me

para que Vossa Graça fique alegre.

RAINHA MARGARIDA ·

Além do lorde protetor, nós temos

Somerset, Buckingham, esse imperioso

sacerdote, Beaufort, e o rezingueiro

Duque de York. O menor entre eles todos

manda mais, na Inglaterra, do que o rei.

SUFFOLK · E o maior ainda manda muito menos

do que os Nevils; Warwick e Salisbury

não são pares, sequer, da monarquia.

RAINHA MARGARIDA ·

Aliás, esses fidalgos não me causam

tanto aborrecimento como a esposa

do lorde protetor, que varre a corte

com seu bando de damas, parecendo

mais uma imperatriz do que a consorte

do Duque de Humphrey. Muitos estrangeiros

pela rainha a tomam. Porque às costas

traz as rendas de um duque, intimamente

escarnece de nós, por sermos pobres.

Não poderei jamais vingar-me dela?

Conquanto seja uma mulher à-toa,

de linhagem somenos, vangloriava-se

há dias, entre os seus admiradores,

de que a cauda, tão-só, do seu vestido

era de mais valor do que os domínios,

por junto, de meu pai, enquanto o Duque

de Suffolk os ducados não lhe havia

dado ainda, ao pedir-lhe a mão da filha

para o Rei da Inglaterra.

SUFFOLK ·

Senhora, eu próprio armei-lhe uma armadilha

e pus aí, como negaça, pássaros

de tão suaves cantos, que é certeza

deixar-se ela prender só para ouvi-los,

sem mais pensar em vos causar desgostos.

Deixai-a, pois, em paz. E agora dai-me

toda a atenção, que tenho o atrevimento

de vos aconselhar. Ainda no caso

de nos ser o cardeal insuportável,

forçoso é que com ele e os demais pares

nos aliemos, até que consigamos

alijar de uma vez o Duque de Humphrey.

No que respeita ao Duque de York, a nova

queixa lhe ensinará pouco proveito.

Livrar-nos-emos, desse modo, aos poucos,

deles todos, ficando Vossa Graça

sozinha a dirigir o feliz leme.

(Toque de fanfarra. Entram o Rei Henrique, York e Somerset, em conversa, o Duque e a Duquesa de Gloster, o Cardeal Beaufort, Buckingham, Salisbury e Warwick.)

REI HENRIQUE ·

Tanto faz para mim, meus nobres lordes,

escolher um ou outro: ou Somerset,

ou York, é indiferente.

YORK ·

Se na França

York se comportou por modo indigno,
seja-lhe ora negada essa regência.

SOMERSET · Se Somerset é indigno desse posto,
nomeei York regente, que eu me afasto.

WARWICK · Ninguém se importa de saber, por ora,
se Vossa Graça é digno; York é o mais digno.

CARDEAL · Cala essa boca, Warwick; és presunçoso;
falam teus superiores.

WARWICK · O cardeal
não é meu superior em campo aberto.

BUCKINGHAM · Warwick, todos quantos aqui se acham
teus superiores são.

WARWICK · Mas Warwick há de
viver para ser mais do que eles todos.

SALISBURY · Quietos, meu filho! Dai-nos os motivos,
Buckingham, de dever ser preferido
Somerset para o cargo.

RAINHA MARGARIDA · É muito simples:
porque o rei determina que assim seja.

GLOSTER · Senhora, o rei já tem bastante idade
para determinar-se; esses assuntos
não são para mulheres.

RAINHA MARGARIDA · Nesse caso,
por que motivo insiste Vossa Graça
em ser o protetor de Sua Excelência?

GLOSTER · Eu sou apenas protetor do reino;
quando o rei decidir, resigo o posto.

SUFFOLK · Então resigna logo, pondo termo
nessa insolência. Desde que ficaste
como rei — quem é o rei, senão tu mesmo? —

a república marcha para a ruína;
do outro lado do mar vence o delfim;
todos os pares, a nobreza toda

do reino são escravos do teu mando.

CARDEAL · SupliciaSTE os comuns; raspaste as arcas
do clero, sem vintém deixando todas
com tuas extorsões.

SOMERSET · Tua suntuosa
moradia e os vestidos de tua esposa

arruinaram de todo o erário público.

BUCKINGHAM · A crueldade que te é característica
excede as leis na punição dos crimes,
tornando-te passível de castigo.

RAINHA MARGARIDA ·

Se os negócios com cargos e cidades —
do que temos suspeita — que fizeste

na França, se tornassem conhecidos,
a pular ficarias sem cabeça.

(Gloster sai; a rainha deixa cair o leque.)

Apanha o leque! Como! Petulante!
Isso não te compete? É assim?

(Dá uma bofetada na duquesa.)

Não tinha visto,

senhora, que éreis vós; peço perdão.

DUQUESA · Não, francesa atrevida? Não sabíeis
que era eu? Se com as unhas eu pudesse
tocar nessa beleza, mandaria
estes dez mandamentos afagá-la.

REI HENRIQUE · Boa tia, acalmai-vos; foi engano.

DUQUESA · Engano? Rei bondoso, toma tento,
que não tardará muito para que ela
se te ponha a ninar como a uma criança.

Mas embora pareça que estes homens
não usam calça, impune ela não há de
esbofetear, assim, Lady Eleonor.

(Sai.)

BUCKINGHAM · Vou seguir Eleonor, Lorde Cardeal,
e ao mesmo tempo ver o que faz Humphrey.

De esporas Eleonor não necessita;
vai galopar de encontro à destruição.

(Sai Buckingham.)

(Volta Gloster.)

GLOSTER · Ora que espaierei lá fora o espírito,

passeando no quadrângulo, falar-vos
pretendo dos negócios da república.

No que respeita a vossas desprezíveis
acusações, provai-as, que eu prometo
à lei obedecer. Seja à minha alma

benigno o Poderoso, em recompensa
do amor que a meu país e ao rei dedico.

Mas, voltando ao assumo de há momentos:
digo, meu soberano, que York é o homem
mais apto para ser vosso regente
no território franco.

SUFFOLK · Antes da escolha
desejara aduzir alguns motivos
de força não somenos, que demonstram
ser York o menos apto para o cargo.

YORK · Vou revelar-te esses motivos, Suffolk:
em primeiro lugar, por ser inábil
para adular-te o orgulho; o outro, é sabido:
se eu fosse designado para o posto,

Milorde Somerset não me daria licença de partir e me privara de munições e tudo, até que a França viesse a cair nas mãos do delfim Carlos. De outra feita, eu fiquei dançando, à espera de seu auxílio até que Paris fosse cercada e se rendesse pela fome.

WARWICK · Posso dar testemunho desse fato. Nunca jamais tão grande felonía cometeu um traidor em nossa terra.

SUFFOLK · Paz, Warwick obstinado!

WARWICK · És a imagem do orgulho. Por que causa devo calar-me?

(Entram os criados de Suffolk, conduzindo Horner e Peter.)

SUFFOLK · Por ter sido a pecha de traição atirada contra alguém.

Deus queira que se escuse o Duque de York?

YORK · Alguém chamou traidor ao Duque de York?

REI HENRIQUE ·

Que significam, Suffolk, essês termos?

Que quer toda essa gente?

SUFFOLK · Com licença

de Vossa Majestade, esse indivíduo acusa seu senhor de alta traição.

Afirmou que Ricardo, Duque de York,

era o herdeiro legítimo do trono

da Inglaterra e que Vossa Majestade

não passava de um mero usurpador.

REI HENRIQUE ·

Responde, homem: disseste essas palavras?

HORNER · Com licença de Vossa Majestade, nunca disse tal coisa, nem em tal coisa pensei.

Deus é testemunha de que eu estou sendo acusado falsamente por este vilão.

YORK · Vilão imundo, baixo mesteireiro, vais pagar com a cabeça essas mentiras.

Suplico a Vossa Augusta Majestade todo o rigor da lei contra este biltre.

HORNER · Ah, meu senhor! Quero que me enforcuem, se eu falei em semelhante coisa. Este rapaz é meu aprendiz. Certa vez, quando o repreendi por uma falta, ele prometeu de joelhos que se vingaria. Tenho testemunhas do fato. Por isso peço a Vossa Majestade não prejudicar um homem honrado por causa da acusação de um bigorrilha.

REI HENRIQUE · Que dizem, tio, as leis sobre este caso?

GLOSTER · Milorde, eu julgaria deste modo, caso fosse o juiz: daria o posto de Regente da França a Somerset, por York estar manchado de suspeita.

Quanto a esta gente, designemos dia para um combate singular entre ambos, em lugar apropriado. Afirma este homem que pode aduzir provas da maldade do aprendiz. Esta é a lei, e esta a sentença que daria no caso Humphrey de Gloster.

REI HENRIQUE ·

Pois seja assim. Nomeamos Vossa Graça, milorde Somerset, para o alto posto de Regente da França.

SOMERSET · Humildemente eu agradeço a Vossa Real Pessoa.

HORNER · E eu de grado ao combate me submeto.

PETER ·

Ah, meu senhor! Eu não posso bater-me. Por amor de Deus, tende piedade de mim. A maldade deste homem é poderosa contra mim, Deus tenha compaixão de mim! Não serei capaz de dar um só golpe. Ah, Deus! Meu coração!

GLOSTER · Tens de brigar; se não, te enforcaremos.

REI HENRIQUE · Ponham-nos na prisão; no último dia do mês próximo, os dois hão de bater-se. Somerset, vamos logo despachar-te.

(Saem.)

Ato I · Cena IV

O mesmo. Jardim do Duque de Gloster.

Entram Margery Jourdain, Hume, Southwell e Bolingbroke.

HUME · Vinde, mestres. Digo-vos que a duquesa conta com a realização de vossas promessas.

BOLINGBROKE · Estamos prontos, mestre Hume. Sua Senhoria está disposta a presenciar e a ouvir nossos exorcismos?

HUME · Ora, por que não? Não vos preocupeis com a sua coragem.

BOLINGBROKE · Já ouvi dizer que ela é uma mulher de espírito invencível. Mas será conveniente, mestre Hume, ficardes lá em cima com ela, enquanto nós fazemos o trabalho. E agora peço que vos vades em nome de Deus.

(*Sai Hume.*)

Mãe Jourdain, abaixai-vos e rojai pelo chão. John Southwell, lede. E agora, mãos à obra!

(*Aparece a duquesa, no alto, seguida de Hume.*)

DUQUESA · Muito bem dito, mestres; sede todos bem-vindos. Para isto, quanto mais cedo, melhor.

BOLINGBROKE · Boa dama, paciência; os feiticeiros a hora azada conhecem: noite escura, noite profunda, noite silenciosa, a hora em que Tróia foi entregue às chamas, em que piam corujas agourentas e uivam os cães de guarda, em que os espíritos passeiam e os fantasmas saem dos túmulos: eis o tempo adequado para a empresa que vamos iniciar. Mas assentai-vos, senhora, sem receio, porque o espírito que vamos invocar ficará preso nos limites de um círculo sagrado.

(*Nessa altura, executam as cerimônias do estilo e traçam um círculo. Bolingbroke, ou Southwell, lê: Conjuro-te! etc. Trovões e relâmpagos. Aparece o espírito.*)

ESPÍRITO · Adsum.

MARGERY JOURDAIN · Asmath!

Por esse Deus eterno cujo nome te fez tremer de medo, dá-me pronta resposta a quanto aqui vou perguntar-te. Sem isso, não sairás de onde te encontras.

ESPÍRITO · Pergunta, então. Quisera o fim ver disto.

BOLINGBROKE (*lê*) ·

Primeiro sobre o rei: que será dele?

ESPÍRITO · Vive o duque que a Henrique há de depor; mas por fim há de achar morte violenta.

(*Enquanto o espírito fala, Southwell escreve a resposta.*)

BOLINGBROKE ·

Que sorte aguarda o Duque de Suffolk?

ESPÍRITO ·

Morrerá na água, o fim nela encontrando.

BOLINGBROKE ·

E o Duque Somerset, como termina?

ESPÍRITO · Desconfie de castelos; mais a salvo ele estará nos plainos arenosos

do que onde altos castelos se levantam.

Acabai! Prosseguir não me é possível.

BOLINGBROKE ·

Retorna à escuridão e ao fogo eterno do lago abrasador. Vai-te, maldito!

(*Trovões e relâmpagos. Desaparece o espírito.*)

(*Entram apressadamente York e Buckingham, com guardas e outras pessoas.*)

YORK · Predei esses traidores e toda essa farandolagem. Bruxa, nós te tínhamos de olho, é só o que eu te digo. O quê? A senhora também neste lugar? O rei e o reino vos saberão pagar a diligência.

Milorde protetor, não tenho dúvida, vos recompensará pelo serviço.

DUQUESA · Não prejudica ao rei o meu serviço nem a metade do que o teu costuma, duque insolente, que sem causa ameaças.

BUCKINGHAM · É verdade, senhora; não há causa. E disto, que dizeis?

(*Mostra-lhe o papel.*)

Levai-os logo;

predei-os bem, deixando-os separados.

Vós, senhora, tereis de acompanhar-nos.

Stafford, fica com ela.

(*Retiram-se do alto a duquesa e Hume, escoltados.*)

Vão ser examinadas todas essas bugigangas. Levai-os daqui todos!

(*Saem Southwell, Bolingbroke etc., escoltados.*)

YORK · Lorde Buckingham, vejo que a vigiastes às maravilhas. Ótima conjura para sobre ela levantarmos algo.

Deixai-me ler, milorde, essa escritura do diabo. Mas, que vejo?

“Vive o duque que a Henrique há de depor, mas por fim há de achar morte violenta.”

Ora, isto é, justamente,

Aio, te, Aeacida, Romanos vincere posse.

Prossigamos:

“Que morte aguarda o Duque de Suffolk? Morrerá na água, o fim nela encontrando.

E o Duque Somerset, como termina?

Desconfie de castelos; mais a salvo ele estará nos plainos arenosos do que onde altos castelos se levantam.”

Vinde milorde, vinde; estes oráculos foram duros de obter e são difíceis de decifrar. O rei se acha a caminho

de Santo Albano; com ele está o marido desta adorável dama. Ora lhe enviemos a notícia, gastando o tempo estrito que exija um bom cavalo. Triste almoço vai ter milorde protetor, realmente.

BUCKINGHAM ·

Suplico a Vossa Graça, Lorde de York, consentir que seja eu o mensageiro

para que obtenha dele a recompensa.

YORK · Como o quiserdes, meu bom lorde. Olá! Quem está aí?

(Entra um criado.)

Vai convidar de minha parte os Lordes Warwick e Salisbury para cearem esta noite comigo. Não demores!

(Fanfarras. Saem.)

Ato II · Cena I

Santo Albano.

Entram o Rei Henrique, a Rainha Margarida, Gloster, o Cardeal Beaufort e Suffolk, com falcões que chamam pelos falcões.

RAINHA MARGARIDA ·

Podeis acreditar-me: a caça aquática com falcões é desporto inigualável. Nunca vi nada assim nestes sete anos. No entanto, permiti que vos declare: dez contra uma, tão forte estava o vento, que mui dificilmente a velha Joana levantaria o vôo.

REI HENRIQUE · Que saída fez o vosso falcão, milorde! Como pairava ele sereno sobre todos! Deus se revela grande nas criaturas.

As aves e o homem se comprazem no alto.

SUFFOLK · Com permissão de Vossa Majestade, não causa espanto que o falcão do lorde protetor tenha vôo desse porte, pois ele sabe que seu dono gosta de pairar nas alturas e que joga, de regra, o pensamento onde não podem alcançar os falcões nos seus remígio.

GLOSTER · Considero, milorde, baixo o espírito que não sobe mais alto do que um pássaro.

CARDEAL · É o que eu penso, também; ele quisera ultrapassar as nuvens.

GLOSTER · Ah, milorde cardeal, que estais dizendo? Vossa Graça não gostaria de alcançar o céu?

REI HENRIQUE · A mansão da alegria sempiterna.

CARDEAL · Teu céu está na terra; o que esses olhos e o espírito ambicionam é a coroa, tesouro sem igual para o teu peito, Protetor pernicioso, par nocivo que o rei e o reino enganas com tua lábia!

GLOSTER · Como deixais, cardeal, que o sacerdócio se vos torne, desta arte, peremptório?

Tantaene animis coelestibus irae?

SUFFOLK · Não há rancor, milorde, senão quanto se faz mister para uma boa briga e um par de tal ruindade.

GLOSTER · Quem, milorde?

SUFFOLK · Ora, milorde, vós, se a vosso grande lorde protetorado isso não pesa.

GLOSTER · A Inglaterra conhece tua insolência, Suffolk.

RAINHA MARGARIDA ·

E a tua ambição, Gloster.

REI HENRIQUE · Paz, querida!

Não concorrais para excitar os pares já de si tão furiosos. São benditos os que trabalham para a paz na terra.

CARDEAL ·

É o que eu serei, então, que minha espada vai fazer que haja paz entre mim e este protetor orgulhoso.

GLOSTER *(à parte, ao cardeal)* · Santo tio, realmente, desejara que assim fosse.

CARDEAL *(à parte, a Gloster)* · É só teres coragem.

GLOSTER *(à parte, ao cardeal)* ·

Deixa à parte teus asseclas; sozinho me respondas pelo insulto de agora.

CARDEAL *(à parte, a Gloster)* · Embora eu saiba que te falta coragem... Bem, se ousares

aparecer: à tarde, no lado este da alameda sombria.

REI HENRIQUE · Então, milordes?

CARDEAL · Podeis acreditar-me, primo Gloster: se vosso falcoeiro não tivesse sido tão apressado em chamar a ave, nós teríamos tido melhor caça.

(*À parte, a Gloster.*)

Leva tua espada dupla.

GLOSTER · Está bem, tio.

CARDEAL (*à parte, a Gloster*) ·

Compreendestes? No lado este do bosque.

GLOSTER (*à parte, ao cardeal*) ·

Ficai certo, cardeal; lá nos veremos.

REI HENRIQUE ·

Tio Gloster, que é que há?

GLOSTER · Nós conversávamos de falcoaria; nada mais, milorde.

(*À parte, ao cardeal*) Toma cuidado, padre! Pela mãe de Deus, eu vou raspar essa coroa, ou então não saberei pegar na espada.

CARDEAL · *Medice teipsum.*

Protetor, tomai tento, protegei-vos!

REI HENRIQUE ·

O vento ameaça tempestades, lordes, como vossa coragem. Essa música me desagrada. Quando desafinam tais cordas, que esperança há de harmonia? Deixai que eu solucione essa pendência.

(*Entra um morador de Santo Albano, gritando: Um milagre!*)

GLOSTER · Que significa esse barulho? Amigo, que espécie de milagre vais contar-nos?

O MORADOR · Um milagre! Um milagre!

SUFFOLK · Vai até o rei e narra-lhe o milagre.

O MORADOR · Há meia hora, só, um cego, diante do altar de Santo Albano, ficou vendo.

Nunca tinha enxergado em toda a vida.

REI HENRIQUE ·

Que Deus seja louvado! Para as almas cheias de fé, faz ele luz das trevas e ministra conforto na desgraça.

(*Entra o prefeito de Santo Albano com seus confrades.*

Simpcox vem carregado em uma cadeira por dois homens; sua mulher e grande multidão o seguem.)

CARDEAL · Aí vêm em procissão os moradores apresentar a Vossa Alteza o homem.

REI HENRIQUE ·

Grande vai ser o seu conforto neste vale terreno; mas a vista pode dar-lhe azo de pecar muito mais vezes.

GLOSTER · Parai aí, senhores! Trazei o homem para perto do rei; é da vontade de Sua Graça conversar com ele.

REI HENRIQUE ·

Conta-nos, caro amigo, as circunstâncias, para que a Deus louvemos por tua causa. Nascestes cego e agora estás com vista?

SIMPCOX · Com licença de Vossa Graça, sou cego de nascença.

A MULHER · É isso mesmo; nasceu cego.

SUFFOLK · Quem é essa mulher?

A MULHER · Sou mulher dele, com licença de Vossa Senhoria.

GLOSTER · Se fosses mãe poderias estar melhor informada.

REI HENRIQUE · Onde nascestes?

SIMPCOX · Em Berwick, no norte, com licença de Vossa Graça.

REI HENRIQUE ·

Pobre alma! Foi bondoso Deus contigo.

Não deixes mais passar uma só noite, dia nenhum, sem orações; sê grato por tudo o que te fez o Onipotente.

RAINHA MARGARIDA ·

Foi por acaso, amigo, ou de propósito que procuraste o altar de Santo Albano?

SIMPCOX · Foi pura devoção, Deus é que o sabe.

Mais de cem vezes, muito mais, em sonhos o santo generoso me chamava

pelo nome, dizendo: Vem, Simpcox, rezar no meu altar, que eu te protejo.

A MULHER · É verdade, senhora; muitas vezes eu própria ouvi a voz que lhe falava.

CARDEAL ·

Como! És coxo?

SIMPCOX · Que Deus não me abandone!

SUFFOLK · Por que ficaste assim?

SIMPCOX · Caí de uma árvore.

A MULHER · Sim, meu senhor, caiu de uma ameixeira.

GLOSTER · Desde quando eras cego?

SIMPCOX · Oh! Nasci cego.

GLOSTER · E trepavas em árvores sem veres?

SIMPCOX · Uma só vez, senhor, em toda a vida; quando era moço ainda.

A MULHER · É certo; e caro, muito caro pagou a tal subida.

GLOSTER · Para arriscares tanto, era preciso que fosses mesmo doido por ameixas.

SIMPCOX · Minha mulher, senhor, queria ameixas. Fez-me subir, senhor, por isso, na árvore, com perigo de vida.

GLOSTER · O rapazinho é esperto; mas de pouco isto lhe serve.

Mostra-me os olhos! Vamos! Fecha-os! Abre-os!

Quero crer que não vês ainda direito.

SIMPCOX · Tão claro como o dia, mestre, graças a Deus e a Santo Albano.

GLOSTER · Que me dizes? De que cor é este manto?

SIMPCOX · Cor de sangue; vermelho como sangue.

GLOSTER · Muito bem; e a cor do meu casaco?

SIMPCOX · É preto, mestre; preto como azeviche.

REI HENRIQUE · Como podes conhecer azeviche?

SUFFOLK · Penso que ele jamais teve ocasião de contemplá-lo.

GLOSTER · Mas casacos e mantos, aos milhares.

SIMPCOX · Jamais, senhor, em toda a minha vida.

GLOSTER · Dize, velhaco, então, qual é o meu nome.

SIMPCOX · Como posso sabê-lo, mestre? Ignoro-o.

GLOSTER · E o nome deste aqui?

SIMPCOX · Não sei, senhor.

GLOSTER · E o deste?

SIMPCOX · Também não sei, senhor.

GLOSTER · E tu, como te chamas?

SIMPCOX · Saunder Simpcox, com licença de Vossa Senhoria.

GLOSTER · Pois bem, Saunder, tu és o mais refinado velhaco de toda a cristandade. Se tivesses nascido cego, ser-te-ia tão fácil os nossos nomes, como as cores de nossas vestimentas. A visão permite distinguir cores, mas nomeá-las de súbito, é impossível. Meus senhores, Santo Albano fez um milagre neste caso; não julgais que seria prova de grande habilidade restituir as pernas a este aleijado?

SIMPCOX · Oh, mestre, se o conseguísseis!

GLOSTER · Senhores de Santo Albano, por acaso não tendes beleguins na cidade e essa coisa a que se dá o nome de chibata?

PREFEITO · Perfeitamente, milorde, com licença de Vossa Graça.

GLOSTER · Então ide buscar-mos, sem demora.

PREFEITO · Vai correndo, maroto, chamar um beleguim.

(Sai um dos moradores.)

GLOSTER · Ponham um banco neste lugar. *(Trazem-lhe um banco.)* E agora, meu velho, se não quiseres ser chibateado, pula por cima deste banco, e põe-te ao fresco.

SIMPCOX · Ah, meu senhor! Eu sou incapaz de ficar de pé, sozinho. Ides torturar-me inutilmente.

(Volta o morador, acompanhado de um beleguim com um chicote.)

GLOSTER · Não há dúvida, senhor; nós vamos restituir-vos as pernas. Beleguim, aplica-lhe umas chibatadas, até que ele salte por cima deste banco.

BELEGUIM · Pois não, milorde! Vamos, arranca o gibão!

SIMPCOX · Ah, mestre! Como o poderei fazer? Sou incapaz de ficar de pé.

(Depois da primeira chibatada, Simpcox salta por cima do banco e sai correndo. O povo o acompanha, gritando: Um milagre!)

REI HENRIQUE ·

Oh Deus! Como permites estas coisas!

RAINHA MARGARIDA ·

Fez-me rir o malandro, a correr tanto!

GLOSTER · Segui-o; levai presa esta rameira.

A MULHER · Oh, senhor! Só o fizemos por miséria.

GLOSTER · Que seja chibateado nas cidades, até Berwick, que é de onde eles vieram.

(Saem o prefeito, o beleguim, a mulher, etc.)

CARDEAL · Fez um grande milagre o protetor.

SUFFOLK · Um coxo transformou num corredor.

GLOSTER · Mais do que isso fizeste: num só dia; cidades a gritar, em correria.

(Entra Buckingham.)

REI HENRIQUE ·

Que novidades traz o primo Buckingham?

BUCKINGHAM ·

Novas que o coração me deixam trêmulo,

à idéia de contar-vo-las. Um grupo de malfeitores, gente sem princípios, sob o amparo imediato da senhora do lorde protetor, dama Eleonor, cabeça dessa turba, se livraram a atos nocivos para vosso Estado, com bruxas conversando e feiticeiros. Surpreendemos a todos em flagrante ao chamarem espíritos do inferno, para inquiri-los sobre a vida e a morte do Rei Henrique e de outras personagens do conselho privado da coroa, como, com mais vagar, Vossa Grandeza vai ser notificado inteiramente.

CARDEAL · Desse modo, milorde, vossa esposa se acha detida em Londres. A notícia, quero crer, vos embota à espada o fio. Faltareis, por sem dúvida, ao encontro.

GLOSTER · Deixa de me afligir, padre ambicioso; a desgraça e a tristeza me venceram, quebrando-me o vigor. E, assim, vencido, te cedo em tudo, como cederia ante o mais desprezível dos lacaios.

REI HENRIQUE ·

Oh Deus! De quanto dano os maus são causa, provocando, dessa arte, a própria ruína?

RAINHA MARGARIDA ·

Gloster, vê nisso a mancha do teu ninho.

Cuida agora de ti com mais carinho.

GLOSTER · O céu é testemunho onisciente do meu amor ao rei e à minha gente.

Quanto à minha mulher, não sei dizê-lo; entristece-me ouvir o que contaram.

Ela é de origem nobre; mas, se acaso da honra veio a esquecer-se e da virtude, a ponto de tratar com gente baixa que, igual ao piche, mancha a alta nobreza, expulso-a do meu leito com tristeza, entregando-a à vergonha, à lei e à morte, por me haver desonrado desta sorte.

REI HENRIQUE · Por esta noite aqui repousaremos; amanhã voltaremos para Londres, para o assunto estudarmos mais de espaço e chamarmos à conta os criminosos. Peso igual será posto na balança; a espada da justiça tudo alcança.

(*Saem.*)

Ato II · Cena II

Londres. Jardim do Duque de York.

Entram York, Salisbury e Warwick.

YORK · Caros Lordes de Warwick e Salisbury, agora que concluímos nossa parca refeição, permiti que, enquanto damos um pequeno passeio, para minha satisfação vos interrogue sobre meu título à coroa da Inglaterra, que a meu ver é seguro e irrefutável.

SALISBURY · Desejo ouvir vossas razões, milorde.

WARWICK · Meu caro York, aqui estamos; se for justo tudo quanto pretendes, é certeza porem-se os Nevils todos sob teu mando.

YORK · Eis o caso, senhores: teve Eduardo terceiro sete filhos: o primeiro foi o Príncipe Negro, de igual nome, o Príncipe de Gales; o segundo

foi Guilherme de Hatfield; após, Lionel, o Duque de Clarence; João de Gaunt nasceu depois, o Duque de Lencastre; depois desse nasceu o Duque de York, Edmundo de Langley; Tomás Woodstock, Duque de Gloster, foi o sexto; o sétimo e último filho foi Guilherme de Windsor. O Príncipe de Gales morreu antes do próprio pai, deixando um filho apenas, Ricardo, que foi rei depois da morte de Eduardo, até que o Duque de Lencastre, Henrique Bolingbroke, filho e herdeiro de João de Gaunt, coroado sob o título de Henrique quarto, viesse a tomar posse do trono, após depor o rei legítimo, enviando a pobre rainha para a França, de onde ela viera, e o rei para Pomfret, onde, como o sabeis, o inofensivo

Ricardo foi traiçoeiramente morto.

WARWICK · Pai, o duque falou pura verdade; foi desse modo que subiu ao trono a casa de Lencastre.

YORK · Pela força, não por nenhum direito, é que o conservam, pois uma vez que faleceu Ricardo, filho do primogênito, devia ter reinado o nascido do mais próximo.

SALISBURY · Mas Guilherme morreu sem deixar filhos.

YORK · Sim, mas o Duque de Clarence, cujos títulos eu reclamo, por vir dele, que era o terceiro filho de Eduardo, deixou prole: Filipa, com que veio a se casar, depois, Mortimer, Conde de March, de quem nasceu Rogério, Conde de March, tal como o pai. Dele nasceram Edmundo, Ana e Eleonor.

SALISBURY · Este Edmundo, conforme o li, no reino de Bolingbroke, reclamou a coroa, e rei teria sido a não ser Owen Glendower, que até à morte o teve preso. Mas ouçamos, enfim, a história toda.

YORK · Com Ana, minha mãe, sua irmã mais velha, lídima herdeira da real coroa, casou Ricardo, Conde de Cantuária, que era filho de Edmundo, quinto filho de Eduardo, o terceiro desse nome. Apóio nele as minhas pretensões, por ter sido ela herdeira de Rogério, Conde de March, que foi filho de Mortimer, marido de Filipa, única filha do Duque de Clarence. Desse modo, se sempre a descendência do mais velho sobe primeiro ao trono, o rei sou eu.

WARWICK · Não pode haver nada mais claro. Henrique

reclama o trono pelo quarto filho, João de Gaunt; York o fez pelo terceiro. Enquanto a descendência de Lionel não desaparecer de todo, a do outro não poderá reinar. E o fato é que ela não desapareceu; floresce em ti, nos teus filhos, pimpolhos desse tronco. Logo, pai Salisbury, ajoelhem-nos neste lugar quieto, para sermos os primeiros que a nosso soberano legítimo saudamos, acatando-lhe a honra de seus direitos à coroa.

AMBOS · Juntos, um viva demos a Ricardo, nosso rei, soberano da Inglaterra!

YORK · Nós vos agradecemos; mas não posso ser vosso rei, antes de ser coroado e sem que tenha a lâmina no sangue da casa de Lencastre, e isso não pode jamais ser conseguido de um só golpe, mas com muita prudência e discrição. Segui o meu exemplo nestes dias perigosos, não vendo as insolências do Duque de Suffolk, o insuportável orgulho de Beaufort, a ambição grande de Somerset, de Buckingham, do bando deles, até que tenham liquidado com o pastor do rebanho, esse virtuoso príncipe, o Duque de Humphrey, de alma boa. Isso busca essa gente e, buscando isso, vão a morte encontrar, se York é profeta.

SALISBURY · Milorde, separemo-nos; já estamos ao corrente de vossos pensamentos.

WARWICK · Diz-me o peito que um dia o Conde Warwick há de fazer um rei do Duque de York.

YORK · Uma só coisa, Nevil, eu prometo: Ricardo há de viver, para que o Conde de Warwick fique sendo o maior homem na Inglaterra, depois do soberano.

(*Saem.*)

Ato II · Cena III

O mesmo. Sala da Justiça.

Toque de trombetas. Entram o Rei Henrique, a Rainha Margarida, Gloster, York, Suffolk e Salisbury; a Duquesa de Gloster, Margery Jourdain, Southwell, Hume e Bolingbroke, escoltados.

REI HENRIQUE ·

Vinde, dama Eleonor Cobham, esposa de Gloster; avançai. Aos nossos olhos e aos de Deus, vosso crime é muito grande. Recebei a sentença cominada pela lei para crimes que no livro de Deus merecedores são da morte.

Vós quatro voltareis para a prisão, de onde sereis tirados para a pena capital. Em Smithfield a feiticeira será queimada e reduzida a cinzas; vós três sereis na forca estrangulados.

Vós, senhora, de nobre nascimento, em vida perdereis as regalias e, depois de uma penitência pública de três dias, ireis viver banida em vossa própria terra, com Sir John Stanley, na Ilha de Man.

DUQUESA · Aceito o exílio, como aceitara alegremente a morte.

GLOSTER · Eleonor, como vês, a lei julgou-te; justificar não posso o que a lei pune.

(Saem a duquesa e os demais prisioneiros, escoltados.)

Nos olhos tenho lágrimas, tristezas sem fim no coração. Humphrey de Gloster, semelhante desonra, em tua idade, sob o peso das mágoas, a cabeça te obrigará a baixar até o sepulcro. Suplico permissão a Vossa Graça para me retirar; consolo querem minhas angústias; a velhice, calma.

REI HENRIQUE ·

Espera ainda um momento, Humphrey de Gloster; entrega-me o bastão. Deseja Henrique proteger-se a si próprio. Deus será minha esperança, meu amparo e guia; a luz que há de alumiar, enfim, meus passos.

E agora podes ir, Humphrey de Gloster, não menos estimado que no tempo em que eras protetor do rei.

RAINHA MARGARIDA · Não vejo razão de precisar o rei adulto de protetor, ao jeito de meninos.

Deus e o rei mandarão nesta Inglaterra.

Dai ao rei o bastão, senhor, e a terra.

GLOSTER ·

Meu bastão? Nobre Henrique, ei-lo; aqui o tens. De tão bom grado agora aqui o resigno, como teu pai Henrique ao confiar-mo; e tão alegremente aos pés to deixo, como ambiciosamente outros o esperam. Adeus, bom rei; que em paz chegues ao porto, quando eu for para longe e estiver morto.

(Sai.)

RAINHA MARGARIDA ·

Até que enfim Henrique é rei, de fato, Margarida rainha e Humphrey de Gloster menos do que ele próprio, de tal modo sai mutilado sob tão duros golpes: sim, que a esposa banida a isso equivale. Confiscado o bastão... Pois que este fique onde devera estar, na mão de Henrique.

SUFFOLK · Assim dobra Eleonor o altivo colo como pinheiro os ramos para o solo.

YORK · Deixai-o ir, senhores. Com licença de Vossa Majestade, está para hoje marcado o duelo e prontos os dois homens, o queixoso e o acusado. Para a liça podem o armeiro e o aprendiz ser conduzidos, se quiser ver a luta Vossa Alteza.

RAINHA MARGARIDA ·

Sim, meu bom lorde; vim da corte apenas para ver o remate dessa briga.

REI HENRIQUE ·

Em nome, pois, de Deus, aprontai tudo; acabemos com isso; Deus é justo.

YORK · Nunca vi ninguém mais apavorado e em ruínas disposições do que o apelante, o aprendiz desse armeiro, meus senhores.

(Entram, por um lado, Horner e seus vizinhos, que bebem com ele, a ponto de o deixarem embriagado; Horner traz

Ato II · Cena III

O mesmo. Sala da Justiça.

Toque de trombetas. Entram o Rei Henrique, a Rainha Margarida, Gloster, York, Suffolk e Salisbury; a Duquesa de Gloster, Margery Jourdain, Southwell, Hume e Bolingbroke, escoltados.

REI HENRIQUE ·

Vinde, dama Eleonor Cobham, esposa de Gloster; avançai. Aos nossos olhos e aos de Deus, vosso crime é muito grande. Recebei a sentença cominada pela lei para crimes que no livro de Deus mercedores são da morte.

Vós quatro voltareis para a prisão, de onde sereis tirados para a pena capital. Em Smithfield a feiticeira será queimada e reduzida a cinzas; vós três sereis na forca estrangulados.

Vós, senhora, de nobre nascimento, em vida perdereis as regalias e, depois de uma penitência pública de três dias, ireis viver banida em vossa própria terra, com Sir John Stanley, na Ilha de Man.

DUQUESA · Aceito o exílio, como aceitara alegremente a morte.

GLOSTER · Eleonor, como vês, a lei julgou-te; justificar não posso o que a lei pune.

(Saem a duquesa e os demais prisioneiros, escoltados.)

Nos olhos tenho lágrimas, tristezas sem fim no coração. Humphrey de Gloster, semelhante desonra, em tua idade, sob o peso das mágoas, a cabeça te obrigará a baixar até o sepulcro. Suplico permissão a Vossa Graça para me retirar; consolo querem minhas angústias; a velhice, calma.

REI HENRIQUE ·

Espera ainda um momento, Humphrey de Gloster; entrega-me o bastão. Deseja Henrique proteger-se a si próprio. Deus será minha esperança, meu amparo e guia; a luz que há de alumiar, enfim, meus passos.

E agora podes ir, Humphrey de Gloster, não menos estimado que no tempo em que eras protetor do rei.

RAINHA MARGARIDA · Não vejo razão de precisar o rei adulto de protetor, ao jeito de meninos.

Deus e o rei mandarão nesta Inglaterra.

Dai ao rei o bastão, senhor, e a terra.

GLOSTER ·

Meu bastão? Nobre Henrique, ei-lo; aqui o tens. De tão bom grado agora aqui o resigno, como teu pai Henrique ao confiar-mo; e tão alegremente aos pés to deixo, como ambiciosamente outros o esperam. Adeus, bom rei; que em paz chegues ao porto, quando eu for para longe e estiver morto.

(Sai.)

RAINHA MARGARIDA ·

Até que enfim Henrique é rei, de fato, Margarida rainha e Humphrey de Gloster menos do que ele próprio, de tal modo sai mutilado sob tão duros golpes: sim, que a esposa banida a isso equivale. Confiscado o bastão... Pois que este fique onde devera estar, na mão de Henrique.

SUFFOLK · Assim dobra Eleonor o altivo colo como pinheiro os ramos para o solo.

YORK · Deixai-o ir, senhores. Com licença de Vossa Majestade, está para hoje marcado o duelo e prontos os dois homens, o queixoso e o acusado. Para a liça podem o armeiro e o aprendiz ser conduzidos, se quiser ver a luta Vossa Alteza.

RAINHA MARGARIDA ·

Sim, meu bom lorde; vim da corte apenas para ver o remate dessa briga.

REI HENRIQUE ·

Em nome, pois, de Deus, aprontai tudo; acabemos com isso; Deus é justo.

YORK · Nunca vi ninguém mais apavorado e em ruínas disposições do que o apelante, o aprendiz desse armeiro, meus senhores.

(Entram, por um lado, Horner e seus vizinhos, que bebem com ele, a ponto de o deixarem embriagado; Horner traz

um bastão com um saco de areia numa das pontas; um tambor o precede. Por outro lado, entra Peter, com um tambor e um saco de areia, acompanhado de aprendizes, que bebem com ele.)

PRIMEIRO VIZINHO · Vizinho Horner, bebo convosco um copo de xerez. Nada de medo, vizinho; haveis de sair-vos bem.

SEGUNDO VIZINHO · E aqui, vizinho, um copinho de charneco.

TERCEIRO VIZINHO · E eu aqui uma caneca de boa cerveja dupla, vizinho. Bebei e não tenhais medo do vosso homem.

HORNER · Por minha fé, deixai-o vir, que haveis de ver como eu me arranjarei. Uma figa para Peter.

PRIMEIRO APRENDIZ · Peter, aqui! Bebo à tua saúde. Nada de medo.

SEGUNDO APRENDIZ · Alegra-te, Peter, e não tenhas medo de teu mestre. Defende o nome dos aprendizes.

PETER · Agradeço a todos. Bebei e rezai por mim, é o que vos peço, pois penso que já bebi o meu último trago neste mundo. Escuta, Robin, no caso de eu morrer, dou-te o meu avental; tu Will, ficarás com o meu martelo; Tom, fica desde já com todo o dinheiro que me resta. Só peço que Deus me abençoe; não é possível que eu resista ao meu mestre, que aprendeu muito bem a combater.

SALISBURY · Vamos, parai com a bebida e iniciai logo os golpes. Como te chamas, maroto?

PETER · Peter, ora essa!

SALISBURY · Peter de quê?

PETER · Peter Cachação.

SALISBURY · Cachação! Vê então se aplicas uns bons cachações em teu mestre.

HORNER · Meus mestres, eu vim aqui, como quem diz, por instigação de meu aprendiz, para provar que ele não passa de um velhaco e que eu sou homem de bem. No que respeita ao Duque de York, quero morrer se em algum tempo lhe desejei algum mal, ou ao rei, ou à rainha. E agora, Peter, cuida de ti, que vou malhar-te de rijo.

YORK · Já está engrolando a língua este velhaco.

Tocai logo o sinal para o combate.

(Toque de trombetas. Batem-se; Peter derruba o mestre.)

HORNER · Pára, Peter! Pára! Confesso, confesso a minha traição.

(Morre.)

YORK · Tirai-lhe a arma. Amigo, rende graças a Deus e ao bom vinho que subiu à cabeça do teu mestre.

PETER · Oh Deus! Venci meus inimigos diante de uma assembléia como esta? Oh Peter! fizeste prevalecer o teu direito.

REI HENRIQUE · Tirai esse traidor de minha vista; com a morte demonstrou que era culpado.

Deus, em sua justiça, revelou-nos a verdade e a inocência deste pobre rapaz, que o criminoso desejara matar injustamente. Amigo, vamos; vais receber a tua recompensa.

(Trombetas; saem.)

Ato II · Cena IV

O mesmo. Uma rua.

Entra Gloster, com criados, em trajes de luto.

GLOSTER · Assim, não raro, no mais claro dia há nuvem e ao verão sucede sempre do seco inverno o frio navalhante.

As penas e alegrias se sucedem tal como as estações. Que horas, senhores?

CRIADO · São dez horas, milorde.

GLOSTER ·

Então estamos

na hora precisa que me foi imposta para vir ver passar minha duquesa condenada. Difícil há de ser-lhe suportar a aspereza do caminho, pôr os pés delicados no chão duro. Querida Nell, como tua alma nobre deve a vista sofrer do populacho desprezível que o rosto te contempla

com olhares sarcásticos, zombando de tua humilhação, essas pessoas que costumavam ir empós de tua carruagem soberba, quando as ruas da cidade, em triunfo, atravessavas! Quietinhos! Creio que ela vem chegando. Vou limpar estes olhos macerados pelo choro e a miséria contemplar-lhe.

(Entra a Duquesa de Gloster, vestida de camisa branca, com um papel preso às costas, descalça e uma tocha acesa na mão; acompanham-na Sir John Stanley, um xerife e oficiais.)

CRIADO · Se Vossa Graça, consentir, nós vamos tomá-la do xerife.

GLOSTER · Não; quietinhos!

Deixemo-la passar, por vossa vida.

DUQUESA · Vieste ver, meu senhor, minha vergonha?

A penitência é de ambos. Vê que todos nos contemplam; vê como eles te apontam com o dedo, esses basbaques, como te olham, sacudindo a cabeça. Ah, caro Gloster, evita esses olhares rancorosos: chora a minha vergonha no teu quarto, sozinho e amaldiçoa os teus imigos, os nossos inimigos.

GLOSTER · Sê paciente, querida Nell; esquece a humilhação.

DUQUESA ·

Então, Gloster, me ensina como eu possa de mim própria esquecer-me. Quando penso que sou tua consorte e que és um príncipe, protetor do país, quer parecer-me que eu não devia ser assim levada, coberta de vergonha, com um letreiro no dorso e perseguida pela plebe que acha prazer em ver as minhas lágrimas e ouvir-me suspirar do fundo da alma. As pedras impiedosas me machucam os delicados pés, e, quando mostras eu dou de sofrimento, o populacho ri, mandando que eu veja onde me afirmo. Ah, caro Gloster, pensas que é possível suportar este jugo vergonhoso, que eu possa contemplar de novo o mundo, considerar felizes os que ainda à luz do sol se alegram? Não; o escuro minha luz há de ser; a noite, o dia;

meu inferno, pensar no antigo fausto. Algumas vezes me direi que a esposa eu sou de Humphrey de Gloster e ele um príncipe e regente da terra. Mas embora regesse e fosse príncipe, impassível ele ficou, ao ver sua esquecida duquesa transformada em maravilha para os basbaques e alvo das graçolas destes bobos ociosos. Sê paciente, não te envergonhes com o que me fazem e, impassível, espera que o machado da morte sobre ti fique suspenso, o que, poderás crer-me, não demora, pois Suffolk, que tudo pode junto daquela que te odeia, tem-nos ódio, como York e o ímpio Beaufort, o padre falso. Eles puseram visco pelos ramos para prender-te as asas. Pouco importam todos os teus esforços, serás preso. Mas, enquanto tiveres os pés livres, nada receies, nem te precipites indo de encontro à traça dos imigos.

GLOSTER · Basta, querida Nell, falas à toa. Para eu ser atingido, é necessário cometer uma falta. Embora o número de meus imigos fosse vinte vezes maior e cada um deles se orgulhasse de força vinte vezes aumentada, mal algum poderão eles causar-me enquanto eu for sincero, leal e puro. Desejaras que eu fosse em teu socorro, no opróbrio em que te encontras? Mas o escândalo, ainda assim, de existir não deixaria, e eu correra perigo, por ser tido como infrator da lei. A calma é o único consolo que te resta. Eu te suplico, querida Nell, que o coração revistas de paciência. Verás que não demoram a passar estes dias humilhantes.

(Entra um arauto.)

ARAUTO · Intimo Vossa Graça a comparecer no parlamento de Sua Majestade, que deverá reunir-se em Bury, no primeiro dia do mês próximo.

GLOSTER · Sem que o consentimento me pedissem! Esquisito... Está bem; não faltarei.

(Sai o arauto.)

Despeço-me de ti, querida Nell.

Mestre xerife, não deixeis que a pena vá além da cominada pelo rei.

XERIFE · Não se zangue com isso Vossa Graça, mas minha comissão termina aqui.

Agora é a Sir John Stanley que compete acompanhá-la até à Ilha de Man.

GLOSTER · Sir John, estais encarregado, agora, de guardar minha esposa?

STANLEY · Com licença de Vossa Graça, deram-me a incumbência.

GLOSTER · Não useis de aspereza por pedir-vos que a trateis com bondade. É bem possível

que o mundo torne a rir e eu tenha vida para recompensar-vos, se com ela

fordes bondoso. E assim, Sir John, adeus.

DUQUESA · Já vos ides, senhor, sem me dizerdes adeus?

GLOSTER · Dão testemunho minhas lágrimas de que não me é possível falar nada.

(Sai-Gloster com os criados.)

DUQUESA · Já partiste? Levaste o meu consolo.

Nada me resta; a morte é que me alegra,

a morte, cujo nome tantas vezes

me pôs medo, por ter eu desejado

alcançar neste mundo a eternidade.

Peço-te, Stanley, leva-me depressa,

pouco importa para onde, pois dispenso

todo favor; depressa! Cumpre as ordens que tens a meu respeito.

STANLEY · É a Ilha de Man, minha senhora, onde sereis tratada conforme o vosso estado.

DUQUESA · Neste caso, muito mal, que é completo o meu opróbrio. Tratar-me-eis por maneira vergonhosa?

STANLEY · Como duquesa é que sereis tratada, como esposa do Duque Humphrey de Gloster.

DUQUESA · Xerife, passai bem, melhor do que eu, embora o condutor tivésseis sido de minha humilhação.

XERIFE · É meu ofício, minha senhora. Por favor, perdoai-me.

DUQUESA · Sim, sim, adeus; estais desobrigado. Vamos, Stanley; ficamos ou seguimos?

STANLEY · Senhora, terminada a penitência, tirai essa camisa. Vamos logo cuidar de preparar-vos para a viagem.

DUQUESA · Se a camisa eu tirar, não me despojo,

com isso, da vergonha. Não; nas vestes

mais ricas ficaria ela aderente,

e se mostrara a todos, fosse a minha

vestimenta qual fosse. Vamos, leva-me;

desejo ver minha prisão quanto antes.

(Saem.)

Ato III · Cena I

A abadia de Santo Edmundo, em Bury.

Toque de clarins. Entram para o parlamento o Rei Henrique, a Rainha Margarida, o Cardeal Beaufort, Suffolk, York, Buckingham e outros.

REI HENRIQUE ·

Estranho que Milorde Humphrey de Gloster não tenha vindo. É contra o seu caráter ser o último a chegar, qualquer que tenha sido a razão de seu atraso agora.

RAINHA MARGARIDA ·

Não podeis ver, ou não quereis, apenas, observar a mudança de seu todo, a majestade com que diz as coisas,

quão insolente se tornou, em tudo diferente, orgulhoso, peremptório? Conhecemo-lo afável e bondoso; bastava que de longe o relanceássemos, para se pôr de joelhos. Toda a corte lhe admirava, por isso, a submissão. Mas agora, se o encontro, embora seja pela manhã, no tempo em que é costume desejar-se bom dia, o cenho franze, lança olhar carrancudo e passa teso, sem dobrar os joelhos, desdenhoso das honras que nos cabem por direito. Ninguém liga ao rosnado de cãesinhos; mas até mesmo os homens corajosos,

ao rugido do leão, tremem de susto. Humphrey não é pessoa de somenos importância no reino; se cairdes, a ascensão será dele. Por tudo isso, me parece não ser boa política — conhecendo-lhe o gênio rancoroso e quanto lucrará com vossa morte — deixar que ele rodeie Vossa Alteza ou que seja admitido no conselho de Vossa Real Pessoa. Usando apenas de adulação, granjeou as boas-graças da gente miúda. É de temer, portanto, que todos o acompanhem, se ele a idéia tiver de revoltar-se. Nós estamos na primavera, tempo em que a cizânia é fácil de arrancar. Se permitirdes que viceje, invade ela o jardim todo e acaba sufocando a plantação, por falta de cultivo. O respeitoso cuidado que dedico a Vossa Graça é que me leva a deduzir tais coisas do semblante do duque. Se provarem que não tenho razão, chamai a tudo receios de mulher, e se estes forem suscetíveis de serem dissipados mediante o raciocínio, de bom grado me desdarei de tudo, confessando que caluniei o duque. Contestai-me, Lordes de York, Suffolk e Buckingham, se o puderdes, ou então concluí comigo que em tudo que falei fui verdadeira.

SUFFOLK · Soube ver muito bem Vossa Grandeza no interior desse duque. Se eu tivesse dado minha opinião antes da vossa, teria dito a história que acabamos de ouvir de Vossa Graça. Aposto a vida em como ele influiu sobre a duquesa para entregar-se às práticas diabólicas. Mas, mesmo que não fosse ele partícipe do crime dela, o reputar-se de alta estirpe, o ter-se em conta do mais próximo herdeiro da coroa, e, ainda, quejandas jactâncias de nobreza, influiriam para excitar o cérebro doentio da mulher, o que a fez usar de meios pecaminosos para a total queda

do nosso soberano. As águas correm mansamente onde o leito é mais profundo. Dissimula traição seu todo simples. Não regouga a raposa no momento de roubar o cordeiro. Não, milorde, Gloster é um homem que não foi sondado, mas a sua perfídia é imperscrutável.

CARDEAL · Contra as formas da lei não criou ele mortes estranhas para faltas leves?

YORK · E, quando protetor, não fez coletas de dinheiro, no reino, para o soldo do exército da França, dinheiro esse que nunca foi enviado e que deu azo às freqüentes revoltas das cidades?

BUCKINGHAM · Ora, são faltazinhas, em confronto com as faltas ignoradas, mas que o tempo mostrará no insinuante Duque de Humphrey.

REI HENRIQUE · Milordes, um momento. Esse cuidado, que revelais, de remover espinhos que aos pés nos poderiam ser nocivos, é digno de louvor. Mas, em consciência, nosso parente Gloster é tão pouco capaz de excogitar qualquer tramóia contra nossa pessoa, como a ovelha recental ou a pombinha inofensiva. O duque é muito bom, meigo e virtuoso para pensar no mal ou, ainda, para trabalhar com a intenção de me depor.

RAINHA MARGARIDA · Que pode haver de mais prejudicial do que uma tal confiança? É uma pombinha? Nesse caso, traz penas emprestadas, pois na alma é como o corvo detestável. É cordeiro? Sem dúvida, de pele tomada de outrem, que o temperamento como lobo roubaz o qualifica. Quem não sabe mudar de compostura, quando intenta enganar? Muito cuidado, milorde! Nosso bem-estar depende da supressão desse homem fraudulento.

(Entra Somerset.)

SOMERSET · Saúde a meu gracioso soberano!

REI HENRIQUE ·

Bem-vindo, Lorde Somerset! Que novas nos trouxeste da França?

SOMERSET · Que se encontram prejudicados vossos interesses naqueles territórios: quanto tínhamos por lá, se acha perdido.

REI HENRIQUE · Más notícias, Milorde Somerset; mas Deus é grande.

YORK (*à parte*) · Más novas para mim, que alimentava na França tão risonhas esperanças, como no fértil solo da Inglaterra. Em botão minhas flores se estiolam e os bichos me devoram a folhagem. Mas eu arranjarei esse negócio sem perder tempo, ou venderei meu título por uma gloriosa sepultura.

(*Entra Gloucester.*)

GLOSTER · Saúde e paz ao meu senhor e rei! Desculpai-me, senhor, pela demora.

SUFFOLK · Não, Gloucester; fica certo de que vieste cedo demais, a menos que tu fosses mais leal do que és, de fato. Eu te detenho por crime de traição.

GLOSTER · Está bem, Duque de Suffolk. Ainda assim tu não consegues ver-me corar ou revelar receio.

Um coração sem mácula não treme. A corrente mais límpida não se acha tão isenta de lama, como estreme de traição ao meu rei sempre eu me encontro. Quem me acusa? Que falta ora me assacam?

YORK · Estão certos, milorde, de que fostes peitado pela França e que no posto de protetor desviastes o dinheiro destinado aos soldados, o que dera motivo de perder Sua Alteza a França.

GLOSTER · Estão certos? Quem pensa desse modo?

Jamais roubei o soldo a nossas tropas, nem peita alguma recebi da França. Deus me assista por ter eu vigilante ficado sempre, sim, noites seguidas, só cuidando do bem da nossa pátria.

Desejo que me seja computada no último julgamento a menor moeda que eu tivesse desviado do meu nobre soberano, o ceutil que eu amealhasse para meu uso. Não! Porque os impostos nos comuns indigentes não pesassem, quantas libras gastei dos meus haveres,

para dá-las às tropas, sem que nunca tivesse reclamado pagamento?

CARDEAL · Essas alegações, milorde, podem vos ser de utilidade.

GLOSTER · Nada afirmo contrário aos fatos, assim Deus me ajude.

YORK · Quando éreis protetor criastes novas modalidades de tortura, para punir os criminosos, o que à nossa pátria valeu a pecha de crueldade.

GLOSTER · Como assim? Todos sabem que no tempo do meu protetorado me acoimavam de indulgente demais, por comover-me com as lágrimas dos réus, pois lhes bastava falar humildemente, para livres ficarem do castigo. Se excetuarmos os autores de crimes sanguinários, ou os ladrões que na estrada assaltam pobres viajantes, à traição, jamais castigo lhes infligi à altura de seus crimes.

O assassínio, de fato, esse pecado que faz derramar sangue, era punido com maiores torturas do que os outros, mais, até, do que a própria felonía.

SUFFOLK · Essas faltas, milorde, foram fáceis de responder. Mas contra vós são feitas acusações mais graves, que não podem ficar solucionadas tão sem custo.

Em nome de Sua Alteza eu vos detenho, a milorde cardeal vos entregando, para vos conservar sob custódia até o dia do vosso julgamento.

REI HENRIQUE ·

Lorde de Gloucester, anima-me a esperança de vos ver limpo de qualquer suspeita. A consciência me diz que não sois isso.

GLOSTER · Oh, gracioso senhor, é perigosa a época em que vivemos. A virtude pela negra ambição fica abafada, sendo expulso pelo ódio o amor ao próximo. Domina a corrupção; de vossas terras é banida a equidade. Não me é estranho que eles conspiram contra a minha vida. Se eu soubesse que esta ilha se tornara feliz com minha morte, pondo um termo à tirania deles, de bom grado

daria em sacrifício a própria vida. Mas isso apenas constituía o prólogo de sua peça, pois milhares de outras vidas, que não cogitam de perigo, não verão o remate da tragédia planejada por eles. A maldade peculiar a Beaufort se lhe reflete nos olhos faulhantes e congestos, bem como a odiosidade tempestuosa de Suffolk em seu cenho enevoado. Escarninho, por meio de indiretas, Buckingham se alivia do pesado fardo de inveja que lhe oprime o peito. York, esse cruel, que alcança a própria lua, cujo braço insolente eu já retive, está tramando contra a minha vida por motivos sem base consistente. E vós, minha senhora soberana, juntamente com os outros, sem para isso terdes razão alguma, acumulastes desgraças sobre mim, não vos poupando no afã de transformar meu soberano no meu maior imigo. Sim, vós todos contra mim conspirastes — tive aviso de vossas reuniões — para da vida sem mancha me privardes. Testemunhas falsas não faltarão, em mesmo montes de traições, para a culpa me aumentarem. Comprova-se o provérbio: “Para dar num cão, sempre se encontra um pau à mão.”

CARDEAL · Meu soberano, são intoleráveis esses ultrajes. Sendo permitido censurar, repreender assim de público quantos cuidam de vossa real pessoa, protegendo-a da sanha dos traidores e dos punhais secretos, e, se inteira liberdade se der aos ofensores para falarem tudo o que entenderem, temo que venha a arrefecer-se o zelo dos que cuidam do bem de Vossa Graça.

SUFFOLK · Não acaba ele de lançar ao rosto de nossa soberana ignominiosas palavras, muito embora dirigidas com grande habilidade, no sentido de insinuar que ela houvesse subornado testemunhas com o fim de derrubá-lo?

RAINHA MARGARIDA ·

Quem perde tem direito de gritar.

GLOSTER · Há mais verdade nisso do que acaso pretendíeis dizer. Perdi, realmente; outros ganharam. Mas malditos sejam todos eles, por terem sido falsos em nosso jogo. Quem desta arte perde tem direito, por certo, de falar.

BUCKINGHAM · Com esse falatório vai deter-nos ele aqui o dia todo. Tomai conta, Lorde Cardeal, do vosso prisioneiro.

CARDEAL · Senhores, levai logo o duque e, preso, guardai-o bem.

GLOSTER · Assim o Rei Henrique joga fora a muleta, antes que as pernas o possam sustentar. Assim te privam do pastor, quando lobos já disputam, rosnando, a primazia de comer-te.

Ah! se fosse infundado o meu receio! Temo a tua queda, meu bondoso Henrique.

(Saem os guardas, com Gloster.)

REI HENRIQUE · Fazei e desfazei, milordes, como vos ditar a prudência, comportando-vos, como se aqui presente também fôssemos.

RAINHA MARGARIDA ·

Vossa Alteza abandona o parlamento?

REI HENRIQUE ·

Sim, Margarida, o peito se me afoga na tristeza, sentindo eu que suas ondas até os olhos me chegam. Tenho o corpo cercado de misérias, porque nada pode haver mais mesquinho e miserável que o descontentamento. Ah, tio Gloster! tens no rosto a lhaneza, a honra, a verdade. No entanto, meu bom Gloster, chegou a hora de eu ser esforçado a te julgar culposo e a me temer do teu devotamento.

Qual a estrela funesta que te inveja, desse modo, a fortuna, para que estes nobres e a nossa esposa Margarida se empenhem em destruir-te a vida inócua?

Jamais fizeste mal a nenhum deles, como a ninguém. Tal como o carneiro, quando o bezerro arrasta, após lançá-lo, batendo no coitado sempre que ele se rebela, até o pôr no sanguinoso matadouro: de modo igual levaram-no, sem remorsos, daqui. E como corre,

desorientada, a mãe, mugindo, e os olhos não desvia da estrada em que sumira o inocente filhinho, reduzida tão-somente a chorar-lhe a perda imensa: assim lastimo o caso do bom Gloster, chorando tristes lágrimas e inúteis, a procurá-lo com estes olhos baços, sem que socorro algum possa prestar-lhe, tão poderosos são seus inimigos encarniçados. Hei de, pois, chorá-lo, sem cessar de dizer na minha dor: se há traição, não é Gloster o traidor.

RAINHA MARGARIDA ·

Senhores livres, sob os quentes raios do sol a fria neve se derrete. Henrique, o meu senhor, é um tanto frio nos negócios de monta, muito cheio de piedade insensata. Humphrey de Gloster soube prendê-lo como faz o triste crocodilo, que finge ternas lágrimas para pegar o incauto transeunte, ou como a serpe enovelada em meio do canteiro florido, que, com a pele faiscante, atrai a criança que, levada pelo brilho, a julgara algo excelente. Podeis crer-me, senhores: se vós todos fôsseis sábios como eu — e neste assunto presumo que me julgo imparcialmente — este Gloster em pouco se veria

livre do mundo, para que ficássemos livres todos do medo que nos causa.

CARDEAL · Será boa política matá-lo. Mas para isso é mister excogitarmos algum pretexto. Fora conveniente que aparência legal se desse ao caso.

SUFFOLK · A meu ver será isso má política. O rei há de esforçar-se por salvá-lo.

O povo há de querer também salvá-lo, sendo que não dispomos de argumento valioso algum, senão suspeita, apenas, de nossa parte, para condená-lo.

YORK · Não desejais, portanto, vê-lo morto.

SUFFOLK ·

Oh York! Ninguém me excede nesse ponto.

YORK · York é quem tem razões mais poderosas de querer vê-lo morto. Mas, milorde

cardeal, e vós, Milorde de Suffolk, dizei o que pensais sinceramente: não fora o mesmo encarregar uma águia famélica da guarda de um pintinho contra abutre voraz, e pôr no cargo de protetor do rei Humphrey de Gloster?

RAINHA MARGARIDA ·

Seria certa a morte do coitado.

SUFFOLK · Tendes razão, senhora. Então não fora rematada loucura dar a guarda do rebanho à raposa? Uma vez que haja provas de que se trata de assassino contumaz, é estultícia lhe negarmos qualquer culpa tão-só por não ter tido tempo de executar o seu projeto.

Que morra, então, antes que as fauces fiquem maculadas de sangue carmesim.

É raposa, inimigo natural do rebanho, como o é Humphrey de Gloster do soberano; sobram-nos as provas.

Nem vos percais em sutilezas sobre o modo de matá-lo: por astúcia ou armadilha, acordado ou em pleno sono, o modo pouco importa, uma vez que ele venha a morrer. É sempre boa a fraude para apanhar quem é vezeiro em fraude.

RAINHA MARGARIDA ·

Isso sim, é que é falar com decisão, Suffolk três vezes nobre.

SUFFOLK · Não é tanto, salvo se à decisão se seguir o ato, pois nem sempre se diz o que se pensa. Mas, para pôr de acordo a língua e o peito, uma vez que a façanha é meritória, além de preservar meu soberano de seu feroz imigo, enunciai a ordem, que eu serei logo dela o sacerdote.

CARDEAL · Milorde de Suffolk, eu desejara que ele morresse, antes de terdes tempo de fazer votos. Basta me dizerdes que consentis no feito e que o aprovais, para que do estante eu me encarregue, tanto eu velo por nosso soberano.

SUFFOLK · Eis minha mão; a ação é meritória.

RAINHA MARGARIDA · É também o que eu digo.

YORK · Eu também; e uma vez que os três estamos de acordo nesse ponto, é de somenos

(*Sai.*)

importância impugnar alguém o feito.

(Entra um mensageiro.)

MENSAGEIRO ·

Cheguei neste momento, grandes lordes, da Irlanda com a notícia de se terem levantado os rebeldes, que aos ingleses à espada a vida tiram. Enviei logo socorro, meus senhores, porque à fúria deles ponhamos termo, antes que a chaga fique incurável, pois enquanto é fresca sempre há esperanças de que a sarar venha.

CARDEAL · Eis uma brecha que requer urgente reparação. Que aconselhais em caso de tanta monta?

YORK · Opino que se mande Somerset para lá como regente.

Governante de sorte é que é preciso; e que ele a tem, o demonstrou na França.

SOMERSET · Se com sua política manhosa tivesse em meu lugar estado York, não ficara na França tanto tempo.

YORK · Não; como tu não viera a perder tudo.

Teria preferido ficar morto

a acarretar desonra de tal porte para a pátria, na França demorando-me até que tudo a se perder viesse.

Mostra uma cicatriz em todo o corpo!

Não revela nos prélios muito zelo quem só cuida de pôr a salvo o pêlo.

RAINHA MARGARIDA ·

Basta! Basta! Bem pode essa fásca vir a tornar-se em vorador incêndio, se houver a jeito vento e combustível.

Cessa, bom York; amado Somerset, fica mais calmo. Se tivesses sido regente em lugar dele, York, é possível que menos, ainda, tu tivesses feito.

YORK ·

Como! Menos que nada? Então, que a mancha recaia em todos nós.

SOMERSET · Em ti, inclusive, uma vez que desejás a vergonha.

CARDEAL · Milorde de York, a sorte ponde à prova. Os quernes irlandeses revoltados estão em armas, amassando argila com sangue dos ingleses. Decidis-vos a ir para a Irlanda à frente de um seletio

grupo de homens tirados dos condados, para a sorte tentardes nesta empresa?

YORK · Sim, milorde cardeal, se for do agrado de Sua Majestade.

SUFFOLK · Nesses casos, nossa palavra é seu consentimento.

Ele confirma quanto decidirmos.

Aceita, pois, o encargo, nobre York.

YORK · Dou-me por satisfeito. Cuidai logo, senhores, de reunir os meus soldados, enquanto eu vou tratar de alguns negócios.

SUFFOLK · Incumbência, milorde, a que de grado me entregarei. E agora, retornemos a falar desse falso Duque de Humphrey.

CARDEAL · Não falemos mais dele; vou tratá-lo de tal maneira, que daqui por diante decerto há de deixar de incomodar-nos.

Parti logo, Suffolk, o dia finda;

hei de falar-vos deste caso ainda.

YORK · Milorde, esperarei quatorze dias, em Bristol, a chegada dos meus homens, para logo embarcá-los para a Irlanda.

SUFFOLK · Tudo a ponto obtereis, Milorde de York.

(Saem todos, com exceção de York.)

YORK · Agora, ou nunca mais, York, enrijece teus grandes pensamentos e transforma

em decisão a dúvida. Sê quanto desejas ser ou vota o que és à morte, como indigno, sequer, de ser vivido.

Deixa o pálido medo para os homens de nascimento vil, não lhe permitas que se abrigue num peito generoso.

Como da primavera os aguaceiros, os pensamentos, rápidos, me ocorrem, com o poder preocupados eles todos.

Mais ocupado, ainda, do que a aranha laboriosa, meu cérebro arquiteta ciladas, com que apanhe os meus inimigos.

Muito bem, nobres! Ato é de política mandar-me para fora com um exército.

Restituís, com isso, a vida à serpe faminta que, afagada em vossos peitos, acabaria — era fatal — mordendo-vos o coração. Eu precisava de homens,

e vós mos arranjastes. Bem; aceito-os de bom grado. Contudo, ficai certos

de que entregais a um louco armas afiadas.

Ao mesmo tempo que, na Irlanda, minhas tropas eu for mantendo, na Inglaterra provocarei escura tempestade que enviará para o céu ou para o inferno dez mil almas, com ímpeto crescente, até que eu tenha a fronte circundada pelo diadema de ouro, que, no jeito dos raios transparentes do sol claro, fará aplacar o torvelinho insano.

Para esse fim, como instrumento azado, seduzi um teimoso homem de Kent, João Cade de Ashford, para à vontade provocar distúrbios, valendo-se do nome de João Mortimer. Vi, certa vez, na Irlanda, esse teimoso Cade opondo-se a quernes aguerridos. Lutou tanto, que as coxas lhe deixaram os dardos como iroso porco-espinho. Socorrido, por fim, vi como dava cabriolas, tal qual mouro dançarino que sacudisse os dardos sanguinosos como se fossem guisos. Muitas vezes em ardiloso quermé disfarçado,

cabelo em desalinho, conversava ele como os inimigos e me vinha, depois, incógnito, pôr a par de todas as suas vilanias. Esse monstro vai substituir-me aqui, pois se parece muito, realmente, com o defunto Mortimer, nos traços fisionômicos, no modo de falar e de andar. Dessa maneira, fico sabendo quanto à casa de York é dedicado o povo e de que modo receberiam muitas pretensões. Admitindo-se que ele seja preso, colocado no potro, torturado, sei que por mais castigos que lhes inflijam, jamais dirá que o aconselhei a armar-se. Digamos que ele alcance o que deseja — o que é muito provável — bem, da Irlanda virei colher com minhas forças tudo quanto esse vilanaz houver semeado. Morto Humphrey — o que é certo — e Henrique [posto de parte, tudo o mais fica a meu gosto.

(Sai.)

Ato III • Cena II

Bury. Um quarto no palácio.

Entram apressadamente alguns assassinos.

PRIMEIRO ASSASSINO •

Vai logo à casa de Milorde Suffolk e dize-lhe que o duque despachamos, conforme ele ordenara.

SEGUNDO ASSASSINO • Oh! quem nos dera que tudo ainda estivesse por fazer! Já ouviste alguém falar com tal espírito de contrição?

(Entra Suffolk.)

PRIMEIRO ASSASSINO • Milorde vem chegando.

SUFFOLK • Liquidastes a coisa, camaradas?

PRIMEIRO ASSASSINO • Sim, milorde, está morto.

SUFFOLK • Belas palavras. Ora dirigi-vos à minha casa; quero vos premiar por esse empreendimento venturoso.

O rei e os pares todos estão perto. Refizestes o leito? Tudo se acha conforme as ordens que eu vos tinha dado?

PRIMEIRO ASSASSINO •

Tudo, milorde.

SUFFOLK • Então parti. Depressa!

(Saem os assassinos.)

(Trombetas. Entram o Rei Henrique, a Rainha Margarida, o Cardeal Beaufort, Somerset, nobres e outros.)

REI HENRIQUE • Ide logo chamar o nosso tio.

Queremos julgar hoje Sua Graça, para ver se é culpado, como o afirmam.

SUFFOLK • Vou chamá-lo já, já, meu nobre lorde.

(Sai.)

REI HENRIQUE •

Lordes, tomai vossos lugares. Peço-vos que não sejais com nosso tio Gloster

rigorosos senão somente até onde a opinião sã provar que ele é, realmente, passível de castigo.

RAINHA MARGARIDA · Deus nos livre de que o mal a tal ponto prevaleça, fazendo condenar um gentil-homem inocente. Permita Deus que o duque se lave das suspeitas que lhe assacam.

REI HENRIQUE · Agradeço-te, Meg; essas palavras me deixam satisfeito.

(Volta Suffolk.)

E então? Que causa te faz tremer? Por que te achas tão pálido? Suffolk, e nosso tio? Que acontece?

SUFFOLK · Está morto, milorde; Gloster se acha morto no leito.

RAINHA MARGARIDA · Não! Deus não o permita!

CARDEAL · Juízo incógnito de Deus! Sonhei esta noite que o duque estava mudo, que não podia pronunciar palavra.

(O rei desmaia.)

RAINHA MARGARIDA ·

Que tem o meu senhor? Socorro, lordes! O rei está morto!

SOMERSET · O corpo levantai-lhe; apertai-lhe o nariz.

RAINHA MARGARIDA · Correi! Socorro! Socorro! Vamos! Abre, Henrique, os olhos!

SUFFOLK · Calma, senhora; ele já está voltando a si.

REI HENRIQUE · Oh Deus do céu!

RAINHA MARGARIDA · Que está sentindo meu gracioso senhor?

SUFFOLK · Coragem, ânimo, meu soberano, meu gracioso Henrique!

REI HENRIQUE ·

Como! O Lorde de Suffolk me incita a não desanimar? Não soltou ele, neste momento, as notas do seu canto de corvo, cuja lúgubre toada me privou dos sentidos, e ora pensa que com o chilreio da carriça, vindo de um coração vazio e concitando-me a não desanimar, será possível fazer com que me esqueça do outro canto? Não escondas o fel nessas palavras açucaradas. Não me toques! Profbo-te! Como picada de serpente, assusta-me

o teu contacto. Sai da minha frente, mensageiro sinistro! Tens nos olhos a majestade cruel da tirania, que o mundo atemoriza. Afasta a vista de mim; esses teus olhos me lancinam. Não te retires, não! Vem, basilisco; deixa sem vida o espectador incauto! Alegria hei de achar na morte escura. É dupla morte para mim a vida, uma vez que está morto Humphrey de Gloster.

RAINHA MARGARIDA ·

Por que razão tratais Milorde Suffolk dessa maneira? Muito embora o duque lhe fosse desafeto, ele deplora, como cristão sincero, o seu trespassse. Quanto a mim, muito embora ele tivesse sido meu adversário, se possível fosse chamá-lo à vida só com lágrimas abundantes, gemidos do imo peito, suspiros de fazer gelar o sangue, quisera ficar cega só de tanto chorar, adoecer com meus gemidos e ter a cor da quaresmeira pálida com suspiros que o sangue me chupassem, contanto que vivesse o nobre duque. Quem sabe o que de mim dirá o mundo? Todos sabiam que éramos imigos declarados. Talvez haja quem pense que eu fiz desaparecer o nobre duque. Meu nome vai ficar, assim, ferido pela calúnia; assunto de conversa nas cortes há de ser minha vergonha. É quanto eu vou ganhar com a morte dele. Quem pode haver mais infeliz? Saber-me rainha e ter a infâmia por coroa?

REI HENRIQUE ·

Choro o destino do infeliz amigo.

RAINHA MARGARIDA ·

Chora, então, minha sorte, que eu sou muito mais infeliz do que ele. Como! Afastas-te de mim? O rosto escondes? Porventura sou alguma leprosa? Anda, contempla-me. Como! Ficaste surdo como as víboras? Então cria também veneno, para matares a rainha que esqueceste. Teu consolo se encontra circunscrito no túmulo de Gloster? É que a Dama

Margarida jamais te fora grata.
 Deverias mandar fazer a estátua
 do duque e ajoelhar-te diante dela,
 deixando o meu retrato como escudo
 de uma cervejaria. Foi por isso
 que eu estive em perigo de naufrágio
 e por mais de uma vez me vi jogada
 das costas da Inglaterra pelos ventos
 contrários, que de novo me levavam
 para a terra nativa? Que presságio
 se poderia tirar disso, afora
 querer dizer-me o vento cauteloso:
 “Não procures o ninho do escorpião,
 nem ponhas pé nas praias inimigas?”
 Que fiz senão amaldiçoar os ventos
 meigos e quem de suas aêneas covas
 os deixara escapar, pedindo, instante,
 que soprassem do lado das benditas
 praias inglesas, ou que nosso barco
 dirigisse de encontro a algum penedo?
 Contudo, Éolo não quis ser assassino;
 a teu cargo deixou o odioso ofício.
 O mar, também, em seus donosos saltos
 não me quis afogar, porque sabia
 que com tua dureza acabarias
 afogando-me em lágrimas salgadas
 como ele próprio. Os alcantis rachados,
 humildosos baixavam-se até às praias,
 para não me ferirem com seus flancos
 lacerados, porque tinham consciência
 de que teu coração de pederneira,
 mais insensível que eles, terminara
 por matar Margarida em teu palácio.
 Enquanto eu enxergava as brancacentas
 costas deste país, quando das praias
 nos levava, sem rumo, a tempestade,
 eu me deixava estar no tombadilho,
 em meio ao temporal; e quando a minha
 vista perscrutadora ante a caligem
 do céu ficou turvada, eu do pescoço
 retirei uma jóia inestimável,
 um coração cercado de diamantes,
 e a joguei para terra. Receberam-na
 as ondas. De igual modo eu desejava
 que tu meu coração em ti acolheesses.
 E no momento em que eu perdi de vista
 a formosa Inglaterra, disse aos olhos

que com meu coração se concertassem,
 de cegos os chamando, de lunetas
 sem préstimo nenhum, só por não verem
 as costas de Álbion, por que eu tanto ansiava.
 Que de vezes pedi a Lorde Suffolk,
 o agente da inconstância que te é própria,
 que me encantasse como fez Ascânio
 com a tresloucada Dido, quando os feitos
 do pai lhe enumerava desde o incêndio
 de Tróia! Não estou enfeitiçada
 tanto quanto ela? E tu, não és tão falso
 quanto Ascânio? Ai de mim! Não me é possível
 viver mais. Morre logo. Margarida;
 lastima Henrique a tua vida longa.

(Barulho fora. Entram Warwick e Salisbury; o povo se aglomera nas portas.)

WARWICK · Poderoso senhor, estão dizendo
 que foi traiçoeiramente assassinado
 o bom Duque de Gloster, e que o Conde
 de Suffolk e o cardeal têm parte nisso.
 Tal como abelhas irritadas, quando
 lhes falta o guia, em toda parte o povo
 corre sem direção, não se importando
 com quem possam picar em represália.
 A custo consegui pôr cobro à sua
 frenética revolta, até que cheguem
 a saber das minúcias do trespasse.

REI HENRIQUE ·

Bom Warwick, é verdade que está morto;
 mas como isso se deu, só Deus o sabe,
 não Henrique. Penetra até o seu quarto,
 contempla o corpo inanimado e faz
 conjeturas acerca dessa morte
 repentina.

WARWICK · Fá-lo-ei, meu soberano.
 Aguarda o meu retorno, Salisbury,
 junto da multidão enraivecida.

(Warwick entra para o quarto e Salisbury se retira.)

REI HENRIQUE · Oh tu, juiz de todos e de tudo,
 pára os meus pensamentos, que se esforçam
 por convencer-me de que mãos violentas
 puseram termo à vida do bom Gloster!
 Se carecer de base essa suspeita,
 perdoa-me, senhor, que a ti, somente,
 compete o julgamento. De bom grado
 com mil beijos os lábios dessangrados
 lhe aqueceria, as faces lhe banhara

com um oceano de lágrimas salgadas,
ao corpo surdo e mudo repetira
toda a minha afeição e nestes dedos
apertara seus dedos insensíveis.

Mas são inúteis todas essas provas
de meu amor. De que valera, agora,
contemplar-lhe a figura perecível,
senão para aumentar minha tristeza?

*(Volta Warwick com outras pessoas, trazendo num leito o
corpo de Gloster.)*

WARWICK · Avançai, meu gracioso soberano;
vinde ver o cadáver.

REI HENRIQUE · Fora o mesmo
que ver quanto é profundo o meu sepulcro.
Com sua alma fugiu todo o consolo
que eu tinha neste mundo. Contemplá-lo
equivale a me ver em vida morto.

WARWICK · Com tanta segurança como espera
minha alma ir para junto do terrível
rei que se humanizou, para que a todos
os homens libertasse da colérica
maldição de seu pai, estou convicto
de que violentas mãos foram culpadas
no extinguir-se a existência deste duque
três vezes afamado.

SUFFOLK · Juramento
terrível, em verdade, e por maneira
patética enunciado. Mas que pode
Lorde Warwick aduzir em seu reforço?

WARWICK · Vede como este rosto está congestionado.

Já vi muitas pessoas falecidas
de morte natural; ficaram magros,
pálidos, cor de cinza, o rosto exangue,
que o sangue sempre aflui para o esforçado
coração, que na luta em que se empenha
contra o inimigo, o chama para perto,
porque possa lutar melhor com a morte.
Aí se esfria o sangue, sem que às faces
jamais retorne, para colori-las
e emprestar-lhes beleza. Agora vede
como o rosto ele tem congestionado e negro.
Os olhos se apresentam mais saltados
do que em vida e nos fixam por maneira
pavorosa, tal como de pessoa
que tivesse morrido estrangulada.
Os cabelos ficaram levantados,
abertas as narículas com a luta,

distendidas as mãos como no gesto
de quem lutado houvesse, em desespero,
para ser dominado pela força.

Contemplai o lençol; vede cabelos
neste ponto. Ele tinha sempre a barba
bem tratada; ora se acha em desalinho,
como trigo no estio, derrubado
por grande tempestade. Não se pode
concluir de outra maneira: houve violência;
o menor destes dados os comprova.

SUFFOLK · Warwick, a ser assim, quem poderia
ter morto o Duque de Humphrey? Ele estava
sob minha proteção e de Beaufort.
E eu quero crer, senhor, que nós não somos
assassinos.

WARWICK · Vós éreis inimigos
declarados do duque, e, apesar disso,
ficastes incumbidos de guardá-lo.
Não tencionáveis, certamente, dar-lhe
tratamento amistoso. Está se vendo
que o bom duque encontrou um inimigo.

RAINHA MARGARIDA ·

Pelo que vejo, suspeitais que a morte
prematura do Duque Humphrey de Gloster
foi causada por estes gentis-homens?

WARWICK ·

Quem encontrasse morta uma vitela,
ainda a sangrar, e um carnicheiro ao lado
com um machado na mão, não suspeitara,
com razão, ter sido ele o autor da morte?
Se no ninho do açor acaso virmos
uma perdiz, não nos será difícil
dizer como morreu, ainda que no alto
paire o milhano, sem mostrar no bico
recurvo nenhum sangue. De igual modo,
é por demais suspeita esta tragédia.

RAINHA MARGARIDA ·

Suffolk, sois carnicheiro? Onde se encontra
vossa faca? Beaufort tem o apelido
de milhano? Onde estão suas fortes garras?

SUFFOLK · Não faço uso de faca, para a vida
tirar de quem esteja entregue ao sono;
mas aqui trago espada vingadora,
pela inação coberta de ferrugem,
que eu posso mergulhar no rancoroso
coração que se atreva a caluniar-me
com o estigma sangrento de assassino.

Dize, orgulhoso Duque de Warwickshire,
se tiveres coragem, que na morte
do Duque de Humphrey eu fui parte ativa.

(Saem o Cardeal Beaufort e Somerset.)

WARWICK · Quando o repto é lançado pelo falso
Suffolk, Warwick está disposto a tudo.

RAINHA MARGARIDA ·

Não se atreve ele a soffrear o gênio
insolente, nem pôr de parte o vezo
de censurar com arrogância, embora
fosse vinte mil vezes desafiado
por Suffolk.

WARWICK · Oh senhora, ficai quieta,
digo com reverência, porque cada
palavra a favor dele compromete
vossa real dignidade.

SUFFOLK · Lorde bronco,
de proceder ignóbil! Se houve alguma
senhora da nobreza que o marido
desonrasse a tal ponto, foi tua mãe,
quando se rebaixou para no leito
culposo receber algum saloio
rude e mal educado, em tronco nobre
fazendo enxerto de selvagem galho,
de onde provéns, tu que, decerto, nunca
puderás descender da nobre raça
dos Nevils.

WARWICK · Se amparado não te achasses
pelo escudo do crime, eu defraudara
de seus emolumentos o carrasco,
libertando-te, assim, de dez mil pechas.
E se a presença do meu rei não fosse
causa de moderar-me, eu te obrigara,
poltrão, falso e assassino, a vir de joelhos
dizer que era a tua mãe que tu aludias
há pouco, e que és bastardo de nascença.
E depois de te haveres retratado
covardemente, eu te daria a paga,
pernicioso vampiro dos que dormem,
enviando essa alma podre para o inferno.

SUFFOLK · Estarás acordado, quando o sangue
eu te fizer verter, se te atreveres
a me seguir, saindo deste círculo.

WARWICK · Vamos logo; se não te arrasto à força.
Contenderemos, muito embora sejas
indigno. Vou prestar essa homenagem
tardia à alma do Duque Humphrey de Gloster.

(Saem Suffolk e Warwick.)

REI HENRIQUE ·

Não pode haver couraça mais potente
do que um coração limpo. Está três vezes
armado quem defende a causa justa;
ao passo que está nu, ainda que de aço
revestido, o indivíduo de consciência
manchada por ciúmes e injustiças.

(Ouve-se barulho.)

RAINHA MARGARIDA · Que será esse barulho?

*(Tornam a entrar Suffolk e Warwick, com as espadas
desembainhadas.)*

REI HENRIQUE ·

Então, senhores, arrancais as armas
iracundas, estando nós presente?
Chega a esse ponto o vosso atrevimento?
De onde se originou esse tumulto?

(Ouve-se o rumor da multidão: Salisbury torna a entrar.)

SALISBURY *(falando para dentro)* ·

Aguardai um momento, meus senhores;
o soberano vai ficar sabendo
de quanto pretendes. Grande monarca,
por mim vos diz o povo que se o pérfido
Suffolk, esse traidor, não for agora
condenado à pena última, ou banido
do solo da Inglaterra, eles, valendo-se
da força, o arrancarão de vosso paço
e a pavorosos tratos o submetem,
até que morra aos poucos. É acusado
de haver assassinado o Duque de Humphrey.
Todos estão, por isso, preocupados
com o risco em que se encontra Vossa Alteza.
É por instinto de lealdade, apenas,
livre do baixo espírito da teima,
que os levasse a se opor a vosso alvitre,
que eles vêm exigir o banimento
do assassino. Cuidosos da pessoa
muito real de seu príncipe, eles dizem
que se acaso intentasse Vossa Alteza
descansar, e proibido a todos fosse
vos perturbar, sob pena de incorrerem
no vosso desfavor e, até, sob pena
de morte; não obstante o edito explícito,
se percebesse alguém uma serpente
de língua bífida a esgueirar-se, astuta,
para o lado de Vossa Majestade,
fora mais do que urgente despertar-vos
porque o verme mortal não transmudasse
vosso sono inocente em sono eterno.

Por isso eles proclamam, muito embora saibam que estão proibidos de fazê-lo, que até contra o querer de Vossa Alteza buscarão amparar-vos contra as falsas serpentes como Suffolk, esse hipócrita, cujo dardo fatal e envenenado, dizem todos, privou traiçoeiramente da vida vosso tio estremecido que vale vinte vezes mais do que ele.

POVO (dentro) · Milorde Salisbury, vinde logo trazer-nos a resposta do monarca!

SUFFOLK · Compreende-se que o povo, gente rude, tivesse enviado esse recado ao rei.

Mas vós, milorde, alegre recebestes a incumbência tão-só para poderdes estadear vossos dotes de orador.

No entanto, as honrarias conquistadas por Salisbury se resumem nisto: em ter sido ele enviado por um bando de caldeireiros com recado ao rei.

POVO (dentro) · A resposta! Se não, faremos força!

REI HENRIQUE · A todos agradece, Salisbury, de minha parte o zelo carinhoso de que ora deram provas, e acrescenta que mesmo que eles não tivessem vindo pedir-me essa medida, eu já me achava resolvido a fazer o que me pedem.

É certo, a todo instante o pensamento me fazia prever que, para o Estado, só desgraças de Suffolk adviriam.

Por isso eu juro pela majestade daquele de que sou representante muito indigno, que mais do que três dias, sob pena de morrer, não ficará Suffolk em nossas terras, a empestar-nos o ambiente com seu hálito pestífero.

(Sai Salisbury.)

RAINHA MARGARIDA ·

Henrique, deixa que a favor eu fale do gracioso Suffolk.

REI HENRIQUE · Oh desgraçosa rainha, por chamá-lo de gracioso Suffolk! Nem mais uma palavra, digo. Falando a seu favor, tu só consegues aumentar minha cólera. Ainda mesmo que eu só tivesse prometido, tinha

de cumprir a palavra que empenhara; mas o meu juramento é irrevogável.

(A Suffolk.) Se após três dias fores visto dentro de qualquer dependência do meu reino, pouco há de ser o mundo todo para te resgatar a vida. Vem comigo, bondoso Warwick, vem, que necessito falar-te sobre assuntos importantes.

(Saem o Rei Henrique, Warwick, nobres, etc.)

RAINHA MARGARIDA ·

Que a desgraça e a tristeza te acompanhem. Sejam teus companheiros a abertura do coração e o amargo desconsolo.

Com ambos forme o diabo um belo terno e que tripla vingança vos abata.

SUFFOLK · Graciosa soberana, deixa dessas maldições e consente que, tristonho, Suffolk as despedidas te apresente.

RAINHA MARGARIDA ·

Fora, mulher covarde, desgraçado de coração sem fibra! Não tens força para amaldiçoar teus inimigos?

SUFFOLK · A peste atinja a todos! De que vale lançar-lhes maldições? Se estas matassem,

como o fatal suspiro da mandrágora, eu inventara os termos mais violentos, penetrantes, malditos e horrorosos

de se ouvir, e deixara que dos dentes cerrados me saíssem, com tais mostras de ódio implacável, como o faz a Inveja macilenta em seu antro repugnante.

Minha língua ficara embaraçada no próprio turbilhão do que eu dissesse;

dos olhos me saíam tantas chispas como da pederneira; meus cabelos ficariam de pé como os de um louco,

parecendo que todos os meus membros falassem maldições, só maldições...

É isso: o coração sinto partir-se-me, se os não amaldiçoar. Seja veneno tudo quanto beberem! Seja bile...

não, muito mais amargo, o que mais grato lhes souber ao paladar; não gozem sombra mais agradável do que a do cipreste;

olhar de basiliscos matadores lancem por toda parte; o mais macio

contacto deles seja qual mordida
de lagarto; sua música, medonha
como o silvo da serpe, acompanhada
pelo agoureiro pio da coruja.

Que o negro inferno e os seus horrores todos...

RAINHA MARGARIDA ·

Caro Suffolk, é muito! Estás, com isso,
aumentando teu próprio sofrimento.
Todas as tuas maldições, no jeito
do sol de encontro ao espelho, ou de espingarda
carregada em excesso, acabarão
virando contra ti sua potência.

SUFFOLK · Mandastes que eu amaldiçoasse, e agora
desejas que me cale? Pelo solo

de que me acho banido, eu poderia
prosseguir neste tom, amaldiçoando
sem cessar, pelo prazo de uma noite
de inverno, embora nu eu me encontrasse
no alto de uma montanha em que o cortante
frio não deixa nunca crescer a erva,
e ainda assim pensara só ter gasto
no agradável desporto alguns minutos.

RAINHA MARGARIDA ·

Oh! pára, por obséquio! Dá-me a mão,
para eu rociá-la com meu triste pranto.

Este lugar não deve ser molhado
pela chuva do céu, porque perdurem
os sinais do meu triste monumento.

Oh! se este beijo se imprimisse nela,

(Beija-lbe a mão.)

para que, vendo o selo, tu pensasses
nos lábios que escapar deixam milhares
de suspiros por ti! Vai! Parte logo!

porque eu conhecer possa a imensidade
da minha dor. Enquanto estás presente,
não faço mais que simples conjeturas,
como alguém que no meio da abundância
pensasse em privações. Hei de chamar-te
novamente; confia no que digo,
em que com isso me arrisque a ser banida...

Sim, que já estou banida, embora apenas
de ti próprio. Não fales mais; retira-te. *

Não! Ainda é cedo. Assim, dois condenados
abraçam-se, separam-se mil vezes,
sofrendo a dor imensa da partida
cem vezes mais pungente do que a morte.
E agora, adeus! Adeus a ti e à vida.

SUFFOLK · Banido, desse modo, se acha Suffolk
dez vezes: uma vez pelo monarca,
três vezes três por ti. Não me afligira
viver fora da pátria, se estivesse
longe dela também. Suffolk achara
populoso um deserto, se contasse
com tua companhia celestial.

Porque onde tu te encontras, o universo
todo está, com as venturas que ele implica;
ao passo que o lugar onde me faltes
equivale a um deserto. Já não posso
dizer mais nada. Vive, para teres
a alegria da vida, que minha única
alegria é saber que ainda estás viva.

(Entra Vaux.)

RAINHA MARGARIDA ·

Para onde se dirige Vaux com tantas
mostras de pressa? Dize: que há de novo?

VAUX · Vou levar a notícia a Sua Alteza
de que o Cardeal Beaufort está morrendo.

Foi hoje acometido por mal súbito.

Respira a custo abrindo muito a boca;
os olhos tem parados; diz blasfêmias
contra Deus e maldiz a terra e os homens.

Por vezes fala como se tivesse
junto de si o espírito de Gloster;
por vezes chama o rei e diz segredos
ao travesseiro, como se falasse
com Sua Majestade, confessando-lhe
os pecados de sua alma atribulada.

Vou procurar o rei para dizer-lhe
que o moribundo o chama a grandes brados.

RAINHA MARGARIDA ·

Vai; leva ao rei essa mensagem triste.

(Sai Vaux.)

Oh Deus! Que vale o mundo? Que notícias!

Mas por que lastimar a fugaz perda
de uma hora, sem lembrar-me da partida
de Suffolk, o tesouro de minha alma?

Por que não choro apenas por tua causa,
Suffolk, a compelir com as carregadas
nuvens do sul, para saber que lágrimas
serão mais abundantes: se as das nuvens,
em benefício da lavoura, ou as minhas,
para dar alimento às próprias dores?

Agora vai; o rei vem vindo, sabê-lo.

Se ele aqui te encontrar, és homem morto.

SUFFOLK · Não poderei viver longe de ti.
 E o que fora morrer sob os teus olhos,
 senão adormecer nesse regaço?
 Poderia exalar aqui o espírito
 tão branda e gentilmente, como o infante
 que deixa a vida no materno seio.
 Longe de li, tornara-me furioso;
 gritaria que os olhos me fechasses,
 que a boca me tapasses com esses lábios,
 porque, dessa maneira, ou apanharias
 minha alma fugitiva, ou no teu corpo
 viria eu a insuflá-la, para que ela
 continuasse a viver no doce Elísio.
 Morrer junto de ti fora um desporto;
 mas, longe, é pior tortura do que a morte.
 Deixa que eu fique. Aceito as conseqüências.

RAINHA MARGARIDA ·
 Não, vai logo, conquanto essa partida
 seja tão dolorosa como cáustico
 posto em chaga mortal. Vai para a França,
 meigo Suffolk. Manda-me notícias,
 porque, onde quer que estejas neste globo
 terrestre, eu hei de te enviar uma Íris
 capaz de descobrir teu paradeiro.

SUFFOLK · Já vou.

RAINHA MARGARIDA ·

Leva meu coração para onde fores.

SUFFOLK · Como jóia no escrínio mais dorido
 que jamais encerrou algo valioso.

Tal qual barco em naufrágio nos partimos:
 caio aqui para a morte.

RAINHA MARGARIDA · Eu, deste lado.

(*Saem.*)

Ato III · Cena III

Londres. Quarto de dormir do Cardeal Beaufort. Entram o Rei Henrique, Salisbury, Warwick e outros. O cardeal se acha no leito, cercado de criados.

REI HENRIQUE ·

Beaufort, fala ao teu rei. Que estás sentindo?

CARDEAL · Se és a Morte, eu te dou todo o tesouro da Inglaterra, bastante para a compra de uma outra ilha, contanto que me largues e me libertes logo destas dores.

REI HENRIQUE · Oh! Que sinal de vida mal vivida, quando a morte é encarada desse jeito!

WARWICK · Beaufort, é o soberano que te fala.

CARDEAL ·

Chamai-me ao tribunal quando quiserdes.

Não faleceu no leito? Onde devia morrer, então? Tenho eu poder, acaso, para fazer alguém viver à força?

Não me tortures mais! Confesso tudo.

Tornou a viver? Mostrai-me onde ele se acha.

Darei mil libras, só para enxergá-lo.

Já não tem olhos; a poeira os cega.

Penteai-lhe a cabeleira. Vede! Vede!

como estão arrepiados os cabelos

como varas com visgo preparadas para minha alma alada embaraçarem.

Quero água! Ide dizer ao boticário que me traga o veneno encomendado.

REI HENRIQUE · Oh tu, Motor eterno das esferas, lança os olhos benignos a este mísero!

Oh! Expulsa o demônio intronizado que na alma se assentou deste coitado, e tira-lhe do peito o desespero!

WARWICK · Que esgares ele faz com a dor da morte!

SALISBURY ·

Não o perturbeis; deixai que em paz se fine.

REI HENRIQUE ·

Se Deus assim quiser, paz à sua alma.

Lorde Cardeal, se acaso estás pensando na salvação eterna, a mão levanta, em sinal de esperança. Nada! Morre sem fazer gesto algum. Oh Deus, perdoai-lhe!

WARWICK · Tão ruim morte inculca vida infame.

REI HENRIQUE ·

Não julgueis; somos todos pecadores.

Fechai-lhe os olhos; deixai bem cerradas

as cortinas e vamos meditar.

(*Saem.*)

Ato IV • Cena I

Kent. Praia perto de Dover.

Carboneio no mar. Depois, saltam de um bote um capitão de navio, o patrão, seu ajudante, Valter Whitmore e outros; com eles, Suffolk, disfarçado, e outros gentis-homens, prisioneiros.

CAPITÃO · Já baixou para o mar o dia esplêndido, falante e metediço. Agora o lúgubre uivar dos lobos despertou os sendeiros que a Noite puxam, trágica e tristonha. Com suas asas morosas e caídas eles roçam os túmulos dos homens; das fauces tenebrosas vão soltando por toda parte escuridão pestífera. Fazei, pois, avançar os prisioneiros, porque enquanto estiver o nosso barco nas dunas ancorado, todos eles pagarão o resgate aqui na areia, ou tingirão com sangue a praia pálida. Patrão, fica com este prisioneiro; e tu aí, como ajudante, tira bom proveito deste outro. Este aqui perto,

(Apontando para Suffolk.)

Valter Whitmore, te tocou por sorte.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM ·

Patrão, dizei-me o preço do resgate.

PATRÃO · Apenas mil coroas, ou a cabeça.

AJUDANTE · É também o que eu peço; do contrário, com o que me coube faço a mesma coisa.

CAPITÃO · Como! Achais muito duas mil coroas para vos comportardes como nobres?

Cortai a esses malandros o pescoço!

Sim, morreréis. A vida dos consócios que perdemos não fica compensada por uma soma assim tão irrisória.

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM ·

Vou pagá-la, senhor; poupai-me a vida.

SEGUNDO GENTIL-HOMEM ·

E a minha; vou escrever já para casa.

WHITMORE *(a Suffolk)* ·

Perdi um dos olhos, quando da abordagem ao teu navio. Vou vingar-me, agora, privando-te da vida, o que a teus sócios também acontecera, se me ouvissem

neste negócio.

CAPITÃO · Não te mostres duro.

Deixa-o viver, aceita-lhe o resgate.

SUFFOLK · Contempla esta medalha de São Jorge: sou fidalgo. Estipula o meu resgate na quantia que for, que eu não discuto.

WHITMORE ·

Fidalgo eu também sou; chamo-me Valter Whitmore. Mas, que vejo? Por que tremes? A morte te apavora desse jeito?

SUFFOLK · É teu nome que assim me mete medo, pois soa como a morte. De uma feita um homem de saber leu meu horóscopo e disse que eu viria a morrer na água em circunstâncias tais como as que o nome que ora pronunciaste me recordam. Mas não seja isso causa de ficares inexorável, que, a rigor, teu nome deve ser pronunciado como Gualter.

WHITMORE ·

Gualter ou Valter, pouco me preocupa. O certo é que a desonra nunca o nome nos conspurcou, sem que com nossa espada limpássemos a mancha. Se eu tivesse, portanto, de vingar-me como um baixo mercador, merecera ver quebrada esta espada, arrancados e manchados os braços, e meu nome proclamado no mundo inteiro como o de um covarde.

(Põe a mão em Suffolk.)

SUFFOLK ·

Pára, Whitmore! Teu prisioneiro é o Duque de Suffolk; sou príncipe e me chamo William de la Pole.

WHITMORE ·

O Duque de Suffolk envolto em trapos?

SUFFOLK · Sim, mas do duque os trapos são apenas parte acessória. Às vezes Jove usava de disfarces. Por que não imitá-lo?

CAPITÃO · Mas há uma diferença: Jove nunca foi morto como tu vais ser agora.

SUFFOLK · Obscuro e vil campônio, o nobre sangue do Rei Henrique, o sangue de um Lencastre não pode ser vertido por um reles

palafrenero. A mão não me beijaste muitas vezes e o estribo não firmaste para eu montar? A trote não correste, sem chapéu, junto à minha mula arreada com custosos painéis, considerando-te muito feliz se acaso eu te acenava? A taça não me encheste tantas vezes, não viveste das sobras dos banquetes, não ficavas de joelho, quando, à mesa, Margarida, a rainha, eu festejava? Lembra-te de tudo isso e abaixa a crista, pondo um cobro a esse orgulho sem proveito. Quantas vezes ficaste em nossa alcova, respeitoso, a aguardar minha passagem? Está mão que escreveu para fazer-te benefícios, vai pôr agora um termo nas sobras dessa língua escandalosa.

WHITMORE · Que dizeis, capitão? Posso dar logo uma espetada neste pobre diabo?

CAPITÃO · Primeiro vou feri-lo com palavras como ele fez comigo.

SUFFOLK · São rombudos, como tu, vil escravo, os teus insultos.

CAPITÃO · Levai-o para bordo e, aí, a cabeça cortai-lha já.

SUFFOLK · Duvido que te atrevas a fazer isso; a tua arriscarias.

CAPITÃO · Como não, Pole?

SUFFOLK · Como! Pole?

CAPITÃO · Pole,

sim senhor; Pole ou pulo, meu fidalgo. Fidalgo, uma ova! Pula para o lodo, para o canil de origem, a privada cuja imundície mal-cheirosa estraga as argentinas águas onde bebe nossa Inglaterra. Agora vou um batoque pôr-te na ávida boca, que os tesouros do reino devorou. Esses teus lábios, que a rainha beijaram, vão, em pouco, varrer o chão imundo. Riste na hora da morte do bondoso Duque de Humphrey; mas vais fazer esgares para os ventos insensíveis, que assobiarão, mofando de tuas carantonhas. Vais casar-te com as megeras do inferno, pelo ouso de haveres desposado um poderoso

senhor com a filha de um monarca pífio, sem súditos, fortuna, nem diadema. Cresceste só por artes do diabo; como o ambicioso Sila, empanturraste esse ventre insaciável com pedaços do coração sangrento de tua mãe. Por tua causa foi vendida à França Maine e Anjou; por tua causa, ainda, os hipócritas normandos se insurgiram, recusando-nos a obediência devida a seus senhores; os picardos mataram seus regentes, de surpresa atacaram-nos os fortes, e em trapos e feridos despacharam para a terra nativa os nossos homens. Os Nevils todos, Warwick, o altanado, que em vão nunca sacaram da bainha seus gládios vingadores, revoltaram-se por ódio a tua pessoa. E a casa de York, que, pela tirania usurpadora, foi privada do trono pela morte vergonhosa de um rei bondoso e puro, no fogo da vindita ora se abrasa, levantando a bandeira da esperança com meio sol que por brilhar se esforça, sob o qual se acha escrito: *Invitis nubibus*. Todo o povo de Kent pegou em armas. Enfim, para concluir: a mendicância e o opróbrio se esgueiraram no palácio do nosso rei, e tudo por tua causa. Some daqui! Levai-o sem demora!

SUFFOLK · Oh! não ser eu um deus para meu raio lançar sobre estes vis, rudes e abjetos mesteiros. As coisas mais mesquinhas encham de orgulho os indivíduos baixos. Por ser este vilão chefe de um barco sem importância, lança mais ameaças do que Bargulus, o pirata ilírico. Não do sangue das águias vive o zangão, mas de pilhar o mel das abelhinhas. Não é possível que me tire a vida vassalo assim de tão mesquinha stirpe. Tuas palavras deixam-me colérico, não me causam remorso. Estou de viagem para a França, por parte da rainha. Intimo-te a me pores do outro lado do canal, sem perigo e incontinenti.

CAPITÃO · Valter!

WHITMORE · Vamos, Suffolk? eu vou te pôr depressa do outro lado da vida.

SUFFOLK · É a ti que eu temo.

Gelidus timor occupat artus.

WHITMORE · Razão para ter medo vais ter antes de eu me afastar de ti. Como! Estás manso? Dobrarás, finalmente, esse pescoço?

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM ·

Meu gracioso senhor, falai-lhe em termos mais brandos; implorai-lhe os bons favores.

SUFFOLK · A voz de Suffolk é dominadora, inflexível e altiva; não se humilha para implorar, só sabe ditar ordens.

Jamais devemos nos dobrar a gente como esta, para honrá-los com pedidos.

Poderei pôr no cepo esta cabeça, porém só dobrarei os joelhos diante de Deus que está no céu e do meu rei.

É preferível que ela dance numa vara sangrenta a descobrir-me em frente de um criado desprezível. A nobreza verdadeira não sabe o que é ter medo.

Saberei suportar quantos suplícios com vossa vilania me infligirdes.

CAPITÃO · Arrastai-o daqui; tapai-lhe a boca.

SUFFOLK · Não correrei. Soldados, mostrai toda

vossa crueldade, porque minha morte jamais fique esquecida. Os grandes homens são muitas vezes mortos por mendigos.

Um gladiador romano e um vil bandido privaram da existência o doce Túlio.

Em Júlio César, com sua mão bastarda, Bruto cravou o punhal; Pompeu, o Grande, foi morto por selvagens insulanos.

Que muito que uns piratas matem Suffolk?

(Saem Whitmore, e outros, com Suffolk.)

CAPITÃO · É do nosso prazer que parta livre um dos que concordaram com o resgate.

Pode sair. Venham comigo os outros.

(Saem todos, com exceção do Primeiro Gentil-Homem.)

(Volta Whitmore com o corpo de Suffolk.)

WHITMORE · Eis a cabeça dele e o corpo exangue.

Deixai-os, até vir para enterrá-los sua amante, a Rainha Margarida.

(Sai.)

PRIMEIRO GENTIL-HOMEM ·

Oh! Que sangrento e bárbaro espetáculo!

Vou levar o cadáver para o rei.

Ainda que ele o não vingue, os seus amigos o farão, ou a Rainha Margarida, que em vida tanto lhe era dedicada.

(Sai com o corpo.)

Ato IV · Cena II

Blackbearth.

Entram Jorge Bevis e John Holland.

JORGE · Vamos, trata de arranjar uma espada, nem que seja só um pedaço de ripa. Há dois dias que eles estão de pé.

JOHN · Razão para que estejam agora com sono.

JORGE · Digo-te que o tecelão Jack Cade tenciona pôr pano novo na república, virá-lo e dar-lhe brilho.

JOHN · Já não é sem tempo, porque já está muito usado. Só o que eu digo é que a alegria desapareceu da Inglaterra, depois da vinda dos fidalgos.

JORGE · Que época miserável a nossa! A virtude não é apreciada nos artesãos.

JOHN · A nobreza acha degradante usar avental de couro.

JORGE · Se fosse só isso! O conselho do rei não é composto de bons trabalhadores.

JOHN · É certo. No entanto, diz-se: “Trabalha em tua profissão”, o que equivale a afirmar que os magistrados devem ser trabalhadores. Disso se conclui que nós deveríamos ser magistrados.

JORGE · Falaste com acerto, porque não há melhor indício de um espírito arguto do que a mão calosa.

JOHN · Lá vêm eles! Lá vêm eles! Estou reconhecendo o filho de Best, o curtidor de Wingham...

JORGE · Esse vai ficar com a pele de nossos inimigos, para com elas preparar couro de cachorro.

JOHN · ...e o carnicheiro Dick...

JORGE · Esse abaterá o pecado como o faz com as reses, e cortará o pescoço à iniquidade, como se fosse o de um vitelo.

JOHN · ...e o tecelão Smith...

JORGE · *Argo*, está com o fio da vida tecido.

JOHN · Vamos logo nos juntar a eles.

(Tambor. Entram Cade, o açougueiro Dick, o tecelão Smith, um serrador e muita gente do povo.)

CADE · Nós, John Cade, assim denominado por nosso pai putativo...

DICK *(à parte)* · Quem não te conhecer que te compre!

CADE · ...porque o inimigo vai cair diante de nós, levado pelo espírito de derrubar príncipes e reis, recomendamos silêncio.

DICK · Silêncio!

CADE · Meu pai foi um Mortimer...

DICK *(à parte)* · Homem honesto, de fato, e muito bom pedreiro.

CADE · Minha mãe, uma Plantageneta...

DICK *(à parte)* · Conheci-a muito bem; era parteira.

CADE · Minha mulher descendia dos Lacys...

DICK *(à parte)* · Não há dúvida; como filha de um mascate, devia ter vendido muitos laços.

SMITH *(à parte)* · Mas, ultimamente, por não poder mais com a mochila, passou a lavar em casa roupa na barrela.

CADE · Descendo, portanto, de uma casa honrada.

DICK *(à parte)* · É certo, por minha fé; o campo é honroso, onde ele nasceu, debaixo de uma sebe. A única casa que o pai dele teve foi a prisão.

CADE · Sou corajoso.

SMITH *(à parte)* · Por necessidade, porque, para pedir esmola, é preciso ter coragem.

CADE · Resisto ao sofrimento.

DICK *(à parte)* · Quem o duvida? Já o vi ser chibateado no mercado três dias seguidos.

CADE · Não tenho medo nem de espada nem de fogo.

SMITH *(à parte)* · Como ter medo de espada, com o casaco à prova de furo?

DICK *(à parte)* · Mas com o fogo precisa ter cautela, visto trazer nas mãos a marca dos ladrões de carneiro.

CADE · Sede bravos, portanto, que o vosso capitão é valente e vai proceder a uma reforma geral. De futuro, sete pães de meio pêni serão vendidos apenas por um pêni; as canecas de três aros passarão a conter dez, sendo considerado felonía beber cerveja fraca. Todo o reino ficará sendo propriedade comum

e o meu palafrém irá pastar em Cheapside. Quando eu for rei... Sim, porque hei de ser rei...

TODOS · Deus guarde Vossa Majestade!

CADE · Obrigado, bom povo!... não haverá necessidade de dinheiro; todo o mundo há de comer e beber à minha custa. Farei que todos usem uniforme, para que se comportem como irmãos e me honrem como a seu senhor.

DICK · A primeira coisa que devemos fazer é matar os magistrados.

CADE · Está no meu programa. Pois não é lamentável que a pele de uma ovelha inocente sirva para fabricar pergaminho e que esse pergaminho, uma vez garatujado, possa matar uma pessoa? Dizem que a abelha dá ferroadas, mas eu afirmo que é a cera de abelha que o faz, porque já me aconteceu selar alguma coisa uma só vez, sem nunca mais poder ser dono de mim mesmo. Mas, que é isso? Quem vem lá?

(Entram alguns homens, trazendo o escrivão de Chatbam.)

SMITH · O escrivão de Chatham. Ele sabe ler, escrever e contar.

CADE · Oh monstro!

SMITH · Surpreendemo-lo, quando preparava cópias para crianças.

CADE · Miserável!

SMITH · Traz no bolso um livro com letras encarnadas.

CADE · Então é feiticeiro.

DICK · Sim, e sabe também redigir obrigações e escrituras judiciais.

CADE · O homem me dá pena. Por minha honra, parece honesto; só virá a morrer, se eu descobrir nele alguma culpa. Chega mais para cá, maroto, que eu vou examinar-te. Como te chamas?

ESCRIVÃO · Emanuel.

DICK · É o que se costuma escrever no início das mensagens. Mau sinal para vossa causa.

CADE · Deixai o caso comigo. Costumas assinar o teu nome, ou usas algum sinal particular, como o fazem as pessoas de bem?

ESCRIVÃO · Graças a Deus, senhor, recebi educação suficiente para saber assinar o meu nome.

TODOS · Confessou! Confessou! Levai-o logo! É vilão e traidor!

CADE · Levai-o logo, digo. Enforcai-o com a pena e o tinteiro pendurados ao pescoço.

(Saem alguns homens com o escrívão.)

(Entra Micael.)

MICAEL · Onde está o nosso general?

CADE · Aqui, meu caro amigo.

MICAEL · Foge! Foge! Sir Humphrey Stafford e o irmão estão aqui perto com o exército real.

CADE · Pára, vilão! Pára, ou eu te derrubo! Ele terá de se haver com um homem de sua marca. Não é ele, acaso, um cavaleiro?

MICAEL · Não.

CADE · Pois, para ficar sendo seu igual, vou também fazer-me cavaleiro.

(Ajoelha-se.)

Levanta-te, Sir John Mortimer!

(Levanta-se.)

E agora, vamos a eles!

(Entram Sir Humphrey Stafford e seu irmão William com um tambor e soldados.)

STAFFORD · Canalha revoltada, rebotalho

do condado de Kent, escória boa

para a forca, deponde logo as armas!

Deixai este laçao e retornai

para vossas choupanas. Se o fizerdes,

o rei será benigno para todos.

WILLIAM STAFFORD ·

Mas vingativo, iroso e sanguinário,

se persistirdes. Rendição ou morte,

portanto: eis o dilema que vos resta.

CADE · Nada tenho que ver com esses escravos

de vestidos de seda. É a ti, bom povo,

que eu me dirijo, a ti que, dentro em breve,

espero governar, por ser o herdeiro

legítimo do trono.

STAFFORD · Miserável!

Teu pai era pedreiro e tu não passas

de um cortador de pano. É ou não certo?

CADE · E Adão foi jardineiro.

WILLIAM STAFFORD · A que vem isso?

CADE · É muito fácil. Vede: Edmundo Mortimer,

Duque de March, a filha desposou

do Duque de Clarence, não foi isso?

STAFFORD · Sim, senhor.

CADE · Dela teve dois filhos num só parto.

WILLIAM STAFFORD · É falso.

CADE · Eis a questão. Mas digo que é verdade.

Tendo sido o mais velho entregue a uma ama,

foi por uma mendiga, após, roubado.

Criado sem poder saber quem era,

quando adulto, ficou sendo pedreiro.

Sou filho dele. E, agora, contestai-me.

DICK · É isso mesmo. Por isso, ele há de ser rei.

SMITH ·

Senhor, ele construiu a chaminé da casa de meu

pai. Os tijolos ainda vivem hoje, para confirmar o

fato. Por isso, não o contesteis.

STAFFORD · E vós acreditais em tudo quanto

vos diz esse imbecil que fala à toa?

TODOS · Acreditamos. Por isso, tratai de vos retirar.

WILLIAM STAFFORD · Jack Cade, foi o Duque de

York que te ensinou tudo isso.

CADE *(à parte)* · É mentira; fui eu que o inventei.

(Alto.) Trata de ir saindo, maroto! Vai dizer ao rei

que, por amor de seu pai, Henrique quinto, no

tempo do qual os meninos brincavam com coroas

francesas, eu permito que ele reine, mas com a

condição de eu ficar como protetor.

DICK · Acrescentai que havemos de cortar a cabeça a

Lorde Say, por ter vendido o ducado de Maine.

CADE · É justo, porque com isso a Inglaterra ficou

mutilada, e necessitaria de um bastão para andar,

se não fosse apoiar-se na minha resistência. Reis

camaradas, digo-vos que esse Lorde Say castrou o

nosso país, transformando-o em eunuco. Digo mais:

ele fala francês; logo, é um traidor.

STAFFORD · Oh ignorância grosseira e miserável!

CADE · Se puderdes, respondi-me. Os franceses

são nossos inimigos. Muito bem. Só pergunto uma

coisa: quem fala a língua de um inimigo, pode ser um

bom conselheiro?

TODOS · Não! Não! É por isso que exigimos a sua

cabeça.

WILLIAM STAFFORD ·

Já que não valem termos brandos, vamos

atacá-los com o exército do rei.

STAFFORD · Proclama, arauto, em todas as cidades,

que os adeptos de Cade são traidores

e que quantos fugirem da batalha

enforcados serão nas próprias casas,

à vista das mulheres e dos filhos,
para exemplo. Segui-me tropas leais.

(Saem os dois Staffords, com as tropas.)

CADE · Vós, amigos do povo, acompanhai-me!

É pela liberdade. Se sois homens,
mostrai-o agora. Não deixemos vivo
nenhum lorde, nenhum desses fidalgos.
Só poupai as pessoas que estiverem

de sapatos ferrados, que são todos
honestos e econômicos e, certo,
se bandeariam para o nosso lado,
se tivessem coragem para tanto.

DICK · Eles já estão em ordem e vêm para nos atacar.

CADE · Nós só ficamos em ordem, quando estamos
fora de ordem. Vamos! Para a frente!

(Saem.)

Ato IV · Cena III

Outra parte de Blackbeath.

Alarma. Entram os dois partidos e lutam. Caem mortos os dois Staffords.

CADE · Onde está Dick, o açougueiro de Ashford?

DICK · Aqui, senhor.

CADE · Os inimigos caem diante de ti como
carneiros e bois e tu te comportas como se
estivesses no teu matadouro. Por isso, desejo
recompensar-te da seguinte maneira: a
quaresma vai durar outro tanto e tu terás
permissão de matar um cento menos um.

DICK · Não desejo mais do que isso.

CADE · Sim, e para ser franco, não mereces menos,
Vou pôr isto como lembrança da vitória.

(Veste a armadura de Sir Humphrey Stafford.)

Os dois corpos vão ser arrastados por meu cavalo
até Londres, onde me devem entregar a espada do
prefeito.

DICK · Se quisermos prosperar e fazer algo de bom,
abramos as prisões e soltemos os presos.

CADE · Não te preocupes com isso, posso
assegurar-te. Vamos! Marchemos para Londres.

(Saem.)

Ato IV · Cena IV

Londres. Um quarto no palácio.

Entra o Rei Henrique lendo uma súplica.

*Acompanham-no o Duque de Buckingham e Lorde
Say; entra depois a Rainha Margarida, chorando sobre
a cabeça de Suffolk.*

RAINHA MARGARIDA ·

Já ouvi dizer que as penas a alma abrandam,
degenerada e tímida deixando-a.

Cessa, pois, de chorar e pensa apenas
na vingança. Mas quem o conseguiu
diante deste espetáculo? A cabeça
aperto no meu peito palpitante;
mas como poderei cingir-lhe o corpo?

BUCKINGHAM ·

Como responde Vossa Graça à súplica
dos rebeldes?

REI HENRIQUE · Mandando-lhes um bispo,
como parlamentar. Deus não permita
que a morrer venham pela espada tantas
almas simples. Eu próprio, porque a todos
não exponha a uma guerra sanguinária,
pretendo entrevistar-me com Jack Cade,
seu general. Mas, esperai; desejo
reler mais uma vez o que escreveram.

RAINHA MARGARIDA ·

Oh, que bárbaros! Tua majestosa
figura, que exercia poderio

sobre mim, como o de um planeta imóvel,
não pôde enternecer aqueles olhos
indignos, mesmo, de te olhar de frente?

REI HENRIQUE ·

Jack Cade, Lorde Say, jurou que ainda há de
vos cortar a cabeça.

SAY · Mas espero

que Vossa Alteza há de cortar a dele.

REI HENRIQUE · Então, senhora?

Sempre a morte de Suffolk a chorar?

Receio, amor, que se fosse eu o morto,
não chorarias tanto.

RAINHA MARGARIDA · Não, querido,
não te choraria; morreria junto.

(Entra um mensageiro.)

REI HENRIQUE ·

Que há de novo? Por que tamanha pressa?

MENSAGEIRO · Fugi, milorde!

Em Southwark os rebeldes já se encontram.

Lorde Mortimer Cade se proclama

descendente do Duque de Clarence,

e chama abertamente Vossa Graça

de usurpador, jurando coroar-se

na abadia de Westminster. Seu exército

é composto de um bando maltrapilho

de campônios grosseiros e de criados

que desconhecem compaixão. A morte

de Stafford e do irmão lhes deu coragem

para avançar. Todos os homens doutos,

os magistrados, cortesãos, fidalgos,

são por eles chamados de lagartas

que, sem apelo, à morte condenaram.

REI HENRIQUE · Infelizes! Não sabem o que fazem.

BUCKINGHAM · Meu soberano, retirai-vos para

Killingworth, até termos conseguido

reunir forças para aniquilá-los.

RAINHA MARGARIDA ·

Se Suffolk vivesse, acalmar-se-iam
os rebeldes de Kent em pouco tempo.

REI HENRIQUE ·

Lorde Say, os traidores te abominam.

Vem, pois, comigo para Killingworth.

SAY · Com isso Vossa Graça perigara,
pois a todos é odiosa a minha vista.

Ficarei aqui mesmo, procurando
ocultar-me do povo baixo e infando.

(Entra o segundo mensageiro.)

SEGUNDO MENSAGEIRO ·

Em Londres Cade já tomou a ponte;

os moradores fogem diante dele,

abandonando as casas; a canalha,

sequiosa de motim, fez com os traidores

causa comum e juram, todos juntos,

pôr em saque a cidade e vossa corte.

BUCKINGHAM ·

Pressa, milorde! Vamos, montai logo!

REI HENRIQUE ·

Vem, Margarida; Deus, nossa esperança,
não há de nos deixar.

RAINHA MARGARIDA · Minha esperança
não existe, pois Suffolk está morto.

REI HENRIQUE *(A Lorde Say)* ·

Milorde, adeus; não confieis nos homens
de Kent.

BUCKINGHAM · Desconfiai de todo o mundo,
para obviar a traição.

SAY · Só deposito
confiança na inocência de minha alma,
que me faz corajoso e resoluto.

(Saem.)

Ato IV · Cena V

O mesmo. A Torre.

*Lorde Scales e outros aparecem sobre os muros. Embaixo,
alguns cidadãos.*

SCALES · Então, Jack Cade foi morto?

PRIMEIRO CIDADÃO · Não, milorde, nem está

com jeito de morrer tão cedo. Já tomaram a ponte,
matando quantos se lhe opunham. O lorde prefeito
pede que Vossa Honra lhe envie socorro da Torre,
para defender a cidade contra os rebeldes.

SCALES · Comandareis as forças que me seja
possível dispensar. Mas os rebeldes
me deixam preocupado, pois se empenham

em conquistar a Torre. Ide depressa reunir gente em Smithfield, que eu me incumbio de mandar Mateus Goffe em vosso auxílio.

Combatei pelo rei, a pátria, as vidas.
E agora, adeus; preciso retirar-me.

(*Saem.*)

Ato IV • Cena VI

Londres. Rua Cannon.

Entra Jack Cade com seus partidários e bate com o bastão no marco de Londres.

CADE • O dono da cidade agora é Mortimer. E daqui, sentado no marco de Londres, eu determino e ordeno que, neste primeiro ano do nosso reinado, a fonte que mijá não verta senão vinho por conta da cidade. Doravante será considerado traição darem-me outro nome além do de Lorde Mortimer.

(*Entra um soldado, a correr.*)

SOLDADO • Jack Cade! Jack Cade!

CADE • Prostrai-o morto!

(*Matam-no.*)

SMITH • Se este sujeito tiver juízo, nunca mais vos chamará de Jack Cade. A lição foi boa.

DICK • Milorde, está formado um exército em Smithfield.

CADE • Vamos dar-lhe combate. Mas primeiro ide pôr fogo na ponte de Londres e, se puderdes, incendiar também a Torre. Vamos! Marchai!

(*Saem.*)

Ato IV • Cena VII

O mesmo. Smithfield.

Alarma. Por um lado entra Cade com seu bando; por outro, cidadãos com as forças do rei, sob o comando de Mateus Goffe.

Batem-se; os cidadãos são derrotados e Mateus Goffe morto.

CADE • Assim, pessoal! Agora incumbam-se alguns de demolir o palácio Savóia; outros, as escolas de Direito. Destruí tudo!

DICK • Eu desejava fazer um pedido a Vossa Excelência.

CADE • Ainda que seja uma excelência, só por essa palavra vais obtê-la.

DICK • Desejo apenas que as leis da Inglaterra emanem de vossa boca.

JOHN (*à parte*) • Puxa! Serão leis bem doentias, por causa da lançada que ele recebeu na boca e que ainda não está cicatrizada.

SMITH (*à parte*) • Não é isso, John; serão leis fedorentas, porque ele tem o hálito de peixe podre.

CADE • Já refleti. Será isso que dizes. Vamos! Queimai todos os registros do reino! Minha boca vai ser, daqui por diante, o parlamento da Inglaterra.

JOHN (*à parte*) • Então vamos ter estatutos mordedores, a menos que lhe arrancassem os dentes.

CADE • Doravante todas as coisas serão em comum.

(*Entra um mensageiro.*)

MENSAGEIRO • Milorde, uma presa! Uma presa! Aqui está Lorde Say, que vendeu as cidades da França e que nos fez pagar no último imposto de guerra vinte e um quinze avós e um xelim por libra.

(*Entra Jorge Bevis com Lorde Say.*)

CADE • Bem; ele vai ser decapitado dez vezes por isso. Ah, és tu, lorde seda, ou lorde sarja, ou de entretela? Encontras-te agora bem no alvo da nossa real jurisdição. Que poderás responder à minha majestade, por teres entregue a Normandia a Monsieur Basimecu, delfim da França? Torne-se do teu conhecimento, diante dos presentes e, ainda, da presença de Lorde Mortimer, que eu sou a vassoura que vai varrer da corte as podridões como tu. Corrompeste traiçoeiramente a mocidade do reino com a criação de uma escola de gramática; e enquanto os nossos pais não dispunham de outros livros além do giz e da talha, foste causa de se introduzir a imprensa e de se construir uma fábrica

de papel, com prejuízo do rei, da coroa e da dignidade. Vamos provar em tua cara que tu te serves de pessoas que falam a toda hora em nome e verbo e outras palavras abomináveis, que ouvidos cristãos não podem suportar. Criaste juízes de paz para intimarem as pessoas pobres a comparecerem à sua presença, a fim de tratarem de questões de que elas não entendiam coisa alguma. Puseste-as na prisão e as mandaste para a forca, por elas não saberem ler, quando, só por isso, mereciam viver muito mais tempo. Tu montas em cavalos ajazados, não é verdade?

SAY · A que vem isso agora?

CADE · É que não devias pôr mantas em teu cavalo, quando muita gente mais honesta do que tu anda de gibão e calça.

DICK · E trabalham, também, de camisa, como eu, por exemplo, que sou açougueiro.

SAY · Homens de Kent...

DICK · Que estais dizendo de Kent?

SAY · Nada; disse apenas que é *bona terra, mala gens*.

CADE · Levai-o logo! Levai-o logo! Está falando latim.

SAY · Escutai-me primeiro e, após, levai-me seja para onde for. Nos Comentários, César trata de Kent e diz que é a zona mais culta de toda a ilha. A terra, boa, porque de bens repleta; o povo, ativo, valente, liberal e muito próspero, o que me faz confiar que sois piedosos. Digo que não vendi a Normandia nem o Maine; daria a própria vida para poder reavê-los. A justiça sempre foi distribuída com indulgência; as lágrimas e as preces me abalavam, jamais nenhum presente. Que podia ter eu de vós tirado, que não fosse para o rei sustentar, o reino e todos? Fiz grandes donativos a pessoas instruídas, por ver que o livro e a pena me granjearam favor junto ao monarca, e também por ter visto que a ignorância é maldição de Deus, e o saber, asas com que nos elevamos para o céu. A menos que os espíritos diabólicos vos dominem, não tendes causa alguma para tirar-me a vida. Em quantas cortes

estrangeiras, diante de monarcas, não pugnou por vós todos esta boca?

CADE · Ora! Quando foi que já deste um só golpe nos campos de batalha?

SAY ·

Alcançam longe as mãos dos homens grandes.

Derrubei muitas vezes indivíduos

que eu não via sequer, e os prostrei mortos.

GEORGE · Que sujeito covarde! Então tu os atacavas por detrás, não é assim?

SAY · Se tenho as faces pálidas, a causa a achareis em ter eu por vós velado.

CADE · Dai-lhe um bofetão para que elas tornem a ficar vermelhas.

SAY · À força de ficar sentado, quando julgava causas de pessoas pobres, fiquei cheio de incômodos e doenças.

CADE · Vamos dar-te caldo de cânhamo e fortificante de machado.

DICK · Por que estás tremendo, homem?

SAY · É da paralisia, não de medo.

CADE · Vede como ele sacode a cabeça para o nosso lado, como quem dissesse: Esperem que eu ainda hei de haver-me com todos vós! Veremos se essa cabeça fica quieta na ponta de uma vara. Levai-o logo e decapitai-o!

SAY · Dizei em que vos fui causa de ofensa. Acaso cobicei riquezas, honras?

Dizei: minhas canastras regurgitam de ouro extorquido aos pobres? É suntuoso meu guarda-roupa? A quem já dei motivo de alguma ofensa, para que me vote, com tanto empenho, à morte? Estas mãos se acham limpas de sangue de inocentes vítimas; neste peito jamais entrou a perfídia.

Oh! Deixai-me viver!

CADE (*à parte*) · Essas palavras me despertam a compaixão; mas saberei resistir. Ele tem de morrer, quando mais não seja, por haver sabido defender-se tão bem. Levai-o logo! Traz um demônio embaixo da língua; não fala em nome de Deus. Vamos, levai-o logo, já o disse, e cortai-lhe imediatamente a cabeça. Depois, invadi a casa do seu genro, Sir James Cromer, fazei-lhe o mesmo, e trazei-me a cabeça de ambos na ponta de duas varas.

TODOS · Assim o faremos.

SAY · Oh caros compatriotas! Se com vossas orações fosse Deus tão obstinado, que seria de vós no transe extremo?

Tende piedade, então; poupai-me a vida.

CADE · Levai-o logo e fazei o que vos disse.

(Saem alguns homens com Lorde Say.)

O mais orgulhoso par do reino não ficará com a cabeça nos ombros, a menos que me pague tributo. Nenhuma donzela se casará, sem me entregar, primeiro, a virgindade. Todos os homens me serão submissos *in capite*, e nós mandamos e ordenamos que suas mulheres sejam tão livres quanto o coração o desejar e a língua puder manifestar-se.

DICK · Milorde, quando iremos a Cheapside, para

negociar com os nossos chuços?

CADE · Neste instante.

TODOS · Admirável!

(Voltam os rebeldes, com a cabeça de Lorde Say e a de seu genro.)

CADE · Não é isto mais admirável, ainda? Que eles se beijem, agora, já que eram tão afeiçoados, quando vivos. Agora os separai, para que eles não combinem a maneira de entregar mais alguma cidade da França. Soldados, deixai para a noite o saque da cidade, porque vamos passar pelas ruas a cavalo, levando à frente, por cetro, estas duas cabeças. Fazei que se beijem em todas as esquinas. Marchar!

(Saem.)

Ato IV · Cena VIII

O mesmo. Southwark.

Alarma. Entra Cade com todo o seu bando.

CADE · Subi pela Rua do Peixe! Descei pela esquina de São Magno! Matai e derrubai a quantos encontrardes! Atirai-os ao Tâmis!

(Toque para parlamentar. Retirada.)

Que barulho é esse? Quem teve a ousadia de dar o toque de retirada ou de parlamentar, quando eu mandei que prosseguissem na chacina?

(Entram Buckingham e o velho Clifford, com forças.)

BUCKINGHAM ·

Aqui está quem te deu tantos incômodos.

Fica sabendo, Cade, que aqui viemos da parte do monarca, como enviados para tratar com o povo que iludiste, com poder de perdoar os que deixarem teu partido e voltarem para casa.

CLIFFORD · Cidadãos, que dizeis? Cedereis logo, aceitando o perdão que vos ofertam, ou deixais que um rebelde vos conduza para onde ireis morrer? Os que tiverem amor ao rei, levantem os barretes e gritem: Deus proteja o soberano!

E os que ódio lhe tiverem, não prezando seu pai Henrique quinto, ante o qual tanto

toda a França tremeu, com suas armas nos ameacem e sigam seu caminho.

TODOS · Deus proteja o soberano! Deus proteja o soberano!

CADE · Como! Buckingham e Clifford, sois assim tão valentes? E vós, miseráveis campônios, acreditais no que eles estão dizendo? Quereis ser enforcados com o perdão à volta do pescoço? Minha espada abriu caminho através das portas de Londres, para que me abandonásseis no Cervo Branco em Southwark? Pensei que não haveríeis de depor as armas, enquanto não houvésseis conquistado vossa antiga liberdade. Mas estou vendo que não passais de uns covardes, uns maricas, que se comprazem em viver como escravos dos nobres. Eles, pois, que vos quebrem o dorso com fardos, e nas próprias barbas vos tomem as casas e na vossa vista vos violem as mulheres e filhas. Quanto a mim, vou tratar de cuidar de uma só pessoa; e assim caia em todos vós a maldição de Deus.

TODOS · Ficamos com Cade! Ficamos com Cade!

CLIFFORD ·

Filho de Henrique quinto é Cade, acaso, para dizerdes que ficais com ele?

Decerto pretende ele conduzir-vos

até o centro da França, e dos mais simples

dentre vós transformar em conde ou duque?
 Não tem asilo ou casa onde se abrigue;
 viver não pode se não for saqueando
 nossos bens e de quantos vos estimam.
 Não vos envergonhais de que essas lutas
 fratricidas ensejem aos temíveis
 franceses, que vencestes tantas vezes,
 ocasião de fazer a travessia
 do mar e vos vencer? Em meio às lutas
 intestinas já os vejo tripudiando
 pelas ruas de Londres e chamando-vos
 a todos “Villageois!” É preferível
 que morram dez mil Cades miseráveis,
 a virdes ser vassalos dos franceses.
 À França! À França! É tempo de ganhardes
 tudo o que vos tomaram. Tende pena
 da Inglaterra, que é a praia em que nascestes.
 Henrique tem dinheiro; sois robustos
 e destemidos; Deus está conosco:
 não duvideis, portanto, da vitória.
TODOS · Viva Clifford! Viva Clifford! Seguiremos o
 rei e Clifford!

CADE (*à parte*) · Quem já viu pena mais fácil de
 soprar do que esta multidão? O nome de Henrique
 quinto os leva a perpetrar centenas de ações más e
 lhes dá ânimo para me deixarem desolado. Estou
 percebendo que eles estão combinando em voz baixa
 para caírem sobre mim. Não há mais tempo a perder;
 vou abrir caminho com a minha espada. (*Alto*)
 Apesar dos demônios e do inferno, passarei pelo
 meio de vós! Os céus e a honra sejam testemunhas
 de que não é por falta de coragem, mas pela traição
 vil e ignominiosa de meus companheiros, que eu sou
 obrigado a rodar nos calcanhares.

(*Sai.*)

BUCKINGHAM ·

Como! Fugiu? Correi ao encalço dele.
 Receberá de prêmio mil coroas
 quem levar para o rei sua cabeça.

(*Saem alguns homens.*)

Soldados, vinde! Hei de arranjar um meio
 de vos reconciliar com o soberano.

(*Saem.*)

Ato IV · Cena IX

Castelo de Kenilworth.

*Trombetas. O Rei Henrique, a Rainha Margarida e
 Somerset aparecem no terraço do castelo.*

REI HENRIQUE · Já houve soberano que em seu trono
 terreno haja reinado com tão poucas
 alegrias como eu? Não tinha o berço
 de todo abandonado, aos nove meses
 de idade, quando fui coroado rei.
 Súdito algum mostrou tanto desejo
 de ser rei como eu tenho de ser súdito.

(*Entram Buckingham e o velho Clifford.*)

BUCKINGHAM · Saúde a Vossa Majestade! Trago
 novas alvissareiras.

REI HENRIQUE · Dize, Buckingham,
 foi preso o traidor Cade, ou tão-somente
 fugiu para fazer-se ainda mais forte?

(*Aparecem embaixo os partidários de Cade, com cordas ao
 pescoço.*)

CLIFFORD · Fugiu, milorde; todos os seus homens
 se renderam. De cordas ao pescoço,

a sentença, humildosos, ora aguardam
 de Vossa Majestade: ou vida, ou morte.

REI HENRIQUE ·

Abra o céu suas portas sempiternas
 para ouvir minhas graças e louvores.
 Soldados, neste dia redimistes
 as vidas e mostrastes toda a vossa
 dedicação à pátria e a vosso príncipe.
 Prossegui nesse mesmo estado de ânimo
 que, por mais infeliz que seja Henrique,
 podeis crer, não será jamais ingrato.
 Perdôo-vos e agradeço-vos. E agora,
 despeço cada um para seus lares.

TODOS · Deus ampare o rei! Deus ampare o rei!

(*Entra um mensageiro.*)

MENSAGEIRO · Permitti Vossa Graça que vos diga
 que da Irlanda chegou o Duque de York
 com poderoso e forte contingente
 de gallowlasses e de ativos quernes.
 Vem vindo para cá com grande séquito,
 proclamando, por onde quer que passe,

que suas armas visam tão-somente
retirar do teu lado Somerset,
a quem ele dá o nome de traidor.

REI HENRIQUE ·

Desta arte entre York e Cade eu me acho aflito,
como barco que, após a tempestade,
no início da bonança, por piratas
abordado se visse. Mal foi Cade
repelido e seus homens dispersados,
vem York em pé de guerra em sua ajuda.
Buckingham, vai depressa ao seu encontro
e pergunta a razão dessa atitude.
Mandarei para a Torre o Duque Edmundo,
podes dizer-lhe. Somerset, pretendo
conservar-te em custódia o tempo apenas

preciso para que ele os seus disperse.

SOMERSET · Milorde,
entrego-me à prisão de mui bom grado,
como também a morte aceitaria,
se de mim tanto a pátria reclamasse.

REI HENRIQUE ·

Em caso algum usai de termos ásperos,
que ele é altivo e detesta o falar duro.

BUCKINGHAM ·

Podeis ficar tranqüilo; hei de esforçar-me
para que tudo em vosso bem redunde.

REI HENRIQUE ·

Querida esposa, entremos. Aprendamos
a reinar; a Inglaterra vai ter causa
de maldizer meu infeliz reinado.

(*Saem.*)

Ato IV · Cena X

Kent. Jardim de Iden.

Entra Cade.

CADE · De que vale a ambição? Que valho eu próprio,
armado de espada e a ponto de morrer de fome?
Há cinco dias me escondo nesta mata, sem me
atrever a sair dela, porque todo o país anda no
meu encaço. Mas agora me encontro de tal modo
esfomeado, que embora tivesse de arrendar a
vida por mil anos, não me seria possível esperar
mais tempo. Por isso saltei o muro deste jardim,
esperando comer uma pouca de erva, ou colher
alguma salada, o que seria um ótimo refresco para
o estômago nesta época de calor. Não há que ver:
salada ou celada, tanto faz; sempre me foi de grande
proveito. Quantas vezes a celada do meu capacete,
ou ele por inteiro, não impediu que me abrissem
o crânio com umas alabardadas? E quantas vezes,
ainda, depois de uma caminhada longa, não me
serviu de quartilho o casco, para refrescar a língua?
Pois vai servir-me, agora, de alimento.

(*Entra Iden, com criados.*)

IDEN · Quem trocara, senhor, este aprazível
recanto pela corte tumultuosa?
Esta modesta herança, recebida
de meu pai, vale tanto quanto um reino.

Não cobiço crescer à custa de outrem,
nem cumular riquezas ou desonras;
o que tenho me basta; é o suficiente
para os pobres e toda a minha gente.

CADE (*à parte*) · Aí vem o dono do terreno, para
me pegar como se eu fosse uma besta perdida, que
houvesse entrado aqui sem sua licença. Ah, vilão!
Tencionas trair-me, para ganhares do rei mil coroas,
por lhe levares a minha cabeça. Mas antes de nos
separarmos, vou obrigar-te a comer ferro, como um
avestruz, e a engolir minha espada, como se fosse um
alfinete grande.

IDEN · Quem quer que sejas, rude companheiro,
não te conheço. Por que causa havia
de te trair? Não basta teres vindo
como um ladrão e entrado em meus domínios
para roubar, após saltar o muro?
Ainda por cima queres provocar-me
com esses palavrões desatinados?

CADE · Provocar-te? Sim, pelo melhor sangue que
já foi vertido, e também dizer-te muita coisa na cara.
Olha bem para mim. Há cinco dias que não como
nada; mas, ainda assim, podes vir com os teus cinco
criados, porque se eu não vos deixar tão mortos
como um prego de porta, não quero que Deus me dê
mais capim para comer.

IDEN · Não se dirá jamais, enquanto viva for a Inglaterra, que eu, Alexandre Iden, escudeiro de Kent, aceitei luta desigual com um faminto miserável. Fixa nos meus teus olhos esgazeados; vê se me obrigas a abaixar a vista. Compara os nossos membros; és mais fraco. Tua mão, em confronto com meu punho, parece um dedo; cabos de vassoura são tuas pernas junto destes troncos; meu pé pode lutar contra o conjunto de tua força, e se eu no ar levantasse, tão-somente, este braço, já se achara cavada para ti a sepultura.

Mas em vez de palavras, que respostas pomposas sempre obtém no mesmo estilo, diga esta espada o que é vedado à língua.

CADE · Por minha valentia, eis o mais completo campeão que já ouvi em toda a minha vida. Aço, se entortares a ponta ou não picares em pedacinhos este palhaço ossudo antes de voltares a dormir na bainha, suplico de joelhos a Jove que te transforme em cravo de ferradura.

(Batem-se; Cade cai.)

Oh! Estou morto! É a fome que me mata, nada mais. Se dez mil demônios me agredissem depois de eu ter recuperado as dez refeições perdidas, eu resistiria abertamente a todos. Resseca-te, jardim! Doravante fica sendo o cemitério de todos os moradores desta

casa, por se ter evolido neste ponto a alma invencível de Cade.

IDEN · Foi Cade que eu matei, esse monstruoso traidor? Espada, só por esse feito eu te consagrarei e, quando morto, te porei sobre a minha sepultura. Este sangue jamais será apagado de tua ponta. Hás de trazê-lo sempre como manto de arauto, que anuncie a glória hoje alcançada por teu dono.

CADE · Iden, adeus. Podes orgulhar-te de tua vitória. Dize de minha parte ao condado de Kent que ele perdeu seu melhor homem, e exorta o mundo inteiro a se tornar covarde, porque, eu, que nunca tive medo de ninguém, fui vencido pela fome, não pela bravura.

(Morre.)

IDEN · Quanto me ultrajas, pode o céu dizê-lo. Morre, malvado, infame, maldição de quem te deu à luz. Do mesmo modo que eu mergulhei a espada no teu corpo, queria mergulhar tua alma no inferno. Vou te levar de rasto pelos pés, dando-te por condigna sepultura um muladar; após, hei de a cabeça cortar-te, monstruosa, e, triunfalmente, apresentá-la ao rei, deixando o corpo como grato repasto dos abutres.

(Sai, com os criados, arrastando o corpo.)

Ato V · Cena I

Kent. Campo de batalha entre Darford e Blackbeath. De um lado, o acampamento do rei; do outro, entra York com seu exército de irlandeses, com bandeiras e tambores.

YORK · Assim chega da Irlanda o Duque de York, com o fim de reclamar os seus direitos e arrancar a coroa da cabeça do fraco Henrique. Sinos, repicai! Queimai, fogueiras! Avivais as chamas a fim de receberdes o legítimo, o grande soberano da Inglaterra.

Sancta Majestas, quem não te comprara, por mais caro que fosses? Quem não sabe reger, deve aprender a ser mandado. Só foi feita para o ouro esta mão forte. Não posso transformar minhas palavras em ações sem brandir a espada ou o cetro. E um cetro hei de possuir, tão certo como ser eu dotado de alma, para nele mandar gravar o lírio dos franceses.

(Entra Buckingham.)

Quem vem chegando aqui? Buckingham, para me perturbar? Mandou-o o rei, decerto.

Dissimulemos, pois.

BUCKINGHAM · Se chegaste, York, com boas intenções, eu te saúdo.

YORK · Humphrey de Buckingham, aceito as tuas saudações. Aqui te achas no caráter de mensageiro, ou vieste por ti próprio?

BUCKINGHAM ·

Mensageiro de Henrique, nosso digno soberano, com o fim de me informar sobre o motivo deste movimento guerreiro em plena paz, e por que causa sendo tu, como eu sou, súdito dele, mau grado o juramento de obediência, sem sua permissão, reuniste forças consideráveis e tiveste o ousio de as trazer para perto de sua corte.

YORK (*à parte*) · Mal consigo falar, de tanta cólera.

Arrancaria rochas, combatera com pedras, a tal ponto essas abjetas expressões me deixaram transtornado.

Como Ajax Telamônio, empregaria em carneiros e bois a minha fúria.

Sou de melhor estirpe do que o rei; sou mais real do que ele até no modo de pensar; mas preciso ter cautela.

Dissimulemos, pois, até que Henrique fique mais fraco e minha força cresça.

(*Alto.*) Peço-te, Buckingham, que me perdoes por não te responder todo esse tempo.

Mas tinha a alma turvada de profunda melancolia. Vou dizer-te a causa

de eu ter trazido o exército comigo:

para afastar do rei esse orgulhoso Somerset, que perigo constitui

para Sua Graça e, ainda, para o Estado.

BUCKINGHAM · É muita presunção de tua parte.

Mas se a razão for essa, comunico-te que o monarca cedeu sobre esse ponto:

o Duque Somerset já está na Torre.

YORK · Empenhas a palavra? Já está preso?

BUCKINGHAM ·

Palavra de honra; o duque foi detido.

YORK · Buckingham, nesse caso eu licencio minhas tropas. Soldados, agradeço-vos.

Dispersai. Procurai-me amanhã cedo no campo de São Jorge; aí, então, o soldo tereis e tudo mais quanto quiserdes.

Pode o meu soberano, o bom Henrique, exigir o meu filho primogênito, não, todos os meus filhos, porque sirvam como reféns de minha vassalagem.

Hei de os mandar, tão certo como eu vivo.

Tudo o que é meu: riquezas, armaduras, cavalos, terras, é de Sua Alteza, desde que Somerset a morrer venha.

BUCKINGHAM ·

Louvo-te, York, essa branda submissão.

Vamos juntos à tenda de Sua Graça.

(*Entra o Rei Henrique, com séquito.*)

REI HENRIQUE ·

Buckingham, contra nós não planeja York nenhum mal, para andardes assim juntos?

YORK · Com humildade e toda submissão apresenta-se ora York a Vossa Alteza.

REI HENRIQUE ·

Então, por que reuniste tantos homens?

YORK · Para expulsar esse traidor do reino, Somerset, e lutar contra o monstruoso

Cade, esse rebelde que, segundo o que se anda a dizer, já foi vencido.

(*Entra Iden, com a cabeça de Cade.*)

IDEN · Se uma pessoa simples e grosseira pode vir à presença do monarca, eis-me a cabeça de um traidor trazendo-vos, a cabeça de Cade, por mim morto.

REI HENRIQUE ·

A cabeça de Cade? Deus grandioso, como és justo! Deixai-me ver o rosto sem vida de quem, vivo, me foi causa de tanta inquietação. Dizei, amigo, se é certo que tu mesmo a decepaste?

IDEN · Eu, sim, com permissão de Vossa Graça.

REI HENRIQUE ·

Como te chamas, e qual é teu posto no Estado?

IDEN · Alexandre Iden é o meu nome, um simples escudeiro do condado de Kent, mas devotado ao soberano.

BUCKINGHAM · Se milorde o aprovar, fora acertado criá-lo cavaleiro por tal feito.

REI HENRIQUE · Iden, ajoelha-te.

(*Iden se ajoelha.*)

Ora te levanta

já feito cavaleiro. Como prêmio,

te dou mil marcos e também licença
para fazeres parte do meu séquito.

IDEN · Deus queira que Iden viva o suficiente
para tal galardão, e viva apenas
para ser fiel a Vossa Majestade.

(Entram a Rainha Margarida e Somerset.)

REI HENRIQUE ·

Vê, Buckingham, vem vindo Somerset
com a rainha. Depressa, vai dizer-lhe
que se esconda do duque.

RAINHA MARGARIDA · Nem mil Yorkes
o obrigariam a esconder o rosto;
mas frente a frente, e ativo, há de encará-lo.

YORK · Como assim! Somerset se encontra livre?
Nesse caso, York, os pensamentos solta
que há tanto se acham presos, e de acordo
com o coração a língua deixa agora.

Terei, então, de suportar a vista
de Somerset? Rei falso, por que causa
faltaste com a palavra, se sabias
que eu não suportaria ultrajes dessa monta?
Dei-te o nome de rei? Rei nunca foste.

Não pode governar nem ser o guia
das multidões quem tanto se revela
destituído de brio e de coragem
para se impor a um vil traidor como ele.
Essa cabeça é indigna da coroa.

Não foi feita essa mão para dar nome
a um cetro temeroso, mas apenas
para o bastão cingir de peregrinos.
Eu, sim, é que devera ter a fronte
cingida por esse ouro, pois com o cenho
fechado ou com um sorriso, como a lança
de Aquiles, causo a morte ou ensejo a cura.

Eis a mão que devera estar com o cetro,
para leis decretar e dirigi-las.
Sai daí! Pelo céu, não continues
a mandar por mais tempo em quem foi criado
pelo céu para ser teu soberano.

SOMERSET ·

Oh monstruoso traidor! York, eu te prendo
por causa da traição que ora perpetras
contra o rei e a coroa. Petulante
traidor, vamos, retrata-te de joelhos.

YORK · Queres que eu me ajoelhe? Então pergunta
a estes, primeiro, se eles gostariam
que eu me dobrasse diante de quem fosse.

Olá! Chamai meus filhos, para virem
servir-me de caução.

(Sai um dos criados.)

Sei que as espadas
eles não de arrancar para livrar-me,
antes de permitirem que me prendam.

RAINHA MARGARIDA ·

Chamai Clifford aqui; venha depressa
dizer-nos se os bastardos deste duque
estão em condições de ser fiadores
do pai, do vil traidor.

(Sai Buckingham.)

YORK · Napolitana
de sangue maculado, desterrada
de Nápoles, flagelo sanguinário
da Inglaterra! Meus filhos, todos eles
de melhor nascimento do que tu,
vão servir de caução do Duque de York.
Ai de quem se opuser a esse direito!

*(Entram, por um lado, Eduardo e
Ricardo Plantageneta, com forças; por outro,
também com forças, o velho Clifford e seu filho.)*

Ei-los que vêm chegando; agora é certo
fazerem bom trabalho.

RAINHA MARGARIDA · Eis também Clifford,
para impedir que o pai eles afiancem.

CLIFFORD *(ajoelhando-se)* ·

Saúde ao meu senhor e soberano!

YORK · Clifford, eu te agradeço. Que notícias
nos trazes? Não procures espantar-nos
com esse olhar colérico. Nós somos
teu soberano, Clifford. Ajoelha-te
novamente. Perdoamos-te esse equívoco.

CLIFFORD ·

Eis o meu rei. Não houve equívoco, York.
Foi teu o engano, ao presumires lapso
de minha parte. Levem-no depressa
para Bedlam. Terá ficado louco?

REI HENRIQUE ·

Sim, Clifford, um humor louco e ambicioso
o leva a, assim, se opor ao soberano.

CLIFFORD ·

É um traidor; para a Torre o mandai logo,
e ordenai que a cabeça lhe decepem.

RAINHA MARGARIDA ·

Já está detido, mas não se submete;
diz que os filhos o afiançam sob palavra.

YORK · Não o fareis, meus filhos?

EDUARDO · Fá-lo-emos, nobre pai; se for bastante nossa palavra.

RICARDO · Caso ela não baste, farão nossas espadas o restante.

CLIFFORD · Que estupenda ninhada de traidores!

YORK · Mira-te num espelho e dá esse nome

à tua imagem. Eu sou teu soberano; tu, um arquitraidor. Ponde no poste meus dois ursos valentes, para que eles, só com o ruído das cadeias, possam apavorar estes sabujos tímidos.

Chamai depressa Warwick e Salisbury.

(Tambores; entram Warwick e Salisbury, com forças.)

CLIFFORD · São estes os teus ursos? Vou moê-los

de pancada e tirar-lhes as cadeias para com elas amarrar o guarda, caso tenhas coragem de trazê-los para o meio da arena.

RICARDO · Já vi muitas, muitas vezes cãezinhos presunçosos morder a mão de quem os segurava; mas quando as garras do urso lhes calava fundo no pêlo, o rabo logo enfiavam por entre as pernas e a ganir fugiam. Papel igual é o que farás, no caso de queres te opor a Lorde de Warwick.

CLIFFORD · Sai, montão de ira, massa indigerível, deformado no corpo e nas maneiras.

YORK · Já vamos aquecer-te.

CLIFFORD · Mas cuidado, porque não vos queimeis no próprio fogo.

REI HENRIQUE ·

Por que motivo os teus joelhos, Warwick, não se lembraram de dobrar agora?

Vergonha a esses cabelos brancos, velho Salisbury, que assim guiar-te deixas

por um filho lunático. Pretendes assumir o papel de bandoleiro

no teu leito de morte e com teus óculos

agruras procurar? Onde há lealdade?

Onde há dedicação? Se está banida

da frente encanecida, como pode

qualquer abrigo achar ainda na terra?

Queres cavar um túmulo, com o fito de achar a guerra e, assim, manchar de sangue tua honrada velhice? Por que és velho,

se te falta a experiência? E se a possuis, por que dela abusares? Que vergonha!

Ouve a voz do dever, dobra esses joelhos que, de velhos, se vergam para o túmulo.

SALISBURY · Milorde, refleti comigo acerca da pretensão deste famoso duque, e reputo, em consciência, Sua Graça o legítimo herdeiro do real trono da Inglaterra.

REI HENRIQUE · Jurastes-me obediência, não é verdade?

SALISBURY · É certo.

REI HENRIQUE · E como pensas desobrigar-te desse juramento perante Deus?

SALISBURY · Pecado inominável é jurar um pecado, mas pecado ainda maior é procurar mantê-lo.

Quem se julga obrigado por solene juramento a matar qualquer pessoa, a roubar, a forçar a castidade de uma virgem sem mancha, a se apropriar da herança que coubera a uns pobres órfãos, e a negar à viúva o seu direito, sem ter outras razões para tais crimes, afóra a alegação de um juramento?

RAINHA MARGARIDA ·

Um traidor astucioso não precisa lançar mão de sofismas.

REI HENRIQUE · Ide logo dizer a Buckingham que venha armado.

YORK · Manda buscá-lo; chama os teus amigos; estou por tudo, agora: a morte ou o trono.

CLIFFORD ·

Se os sonhos não nos mentem, a primeira.

WARWICK · Andarias melhor, se te deitasses para sonhar de novo; assim fugirias das borrascas do campo de batalha.

CLIFFORD · Estou disposto a suportar maiores borrascas do que quantas tu pudesses hoje desencadear, e isso pretendo deixar escrito nesse capacete, pois que até agora eu te conheço apenas pelo lema dos teus.

WARWICK · Bem, a divisa dos velhos Nevils, por meu pai usada, um urso preso a uma nodosa estaca,

hoje me encimará o arnez altivo,
como cedro no cimo da montanha
que em meio aos furacões conserva as folhas.
Até da visão disso terás medo.

CLIFFORD · Pois hei de te arrancar do capacete
esse urso e espezinhá-lo com desprezo,
sem que me faça moossa o guarda dele.

O MOÇO CLIFFORD ·

Pai vitorioso, às armas! Esmaguemos

os rebeldes e todos os seus cúmplices.

RICARDO ·

Não mostreis tanto orgulho ao falar nisto,
que hoje mesmo ceareis com Jesus Cristo.

O MOÇO CLIFFORD ·

Não sabes nada, monstro subalterno.

RICARDO · Se não no céu, ireis cear no inferno.

(Saem por lados diferentes.)

Ato V · Cena II

Santo Albano.

Alarma. Movimento de tropas. Entra Warwick.

WARWICK ·

Clifford de Cumberland, Warwick te chama!

Se não evitas o urso, agora, ao ouvires
a trombeta colérica, e os gemidos
dos moribundos que o ar vazio ocupam,
Clifford, torno a dizer, vem para a luta!
Clifford de Cumberland, lorde orgulhoso
do norte, Warwick está quase sem voz
de tanto te chamar para o combate.

(Entra York.)

Perdestes o cavalo, nobre lorde?

YORK · Matou-o a mão de Clifford destruidora;
mas a minha lhe deu troco na altura,
transformando em carniça para as gralhas
e os corvos o corcel que ele apreciava.

(Entra o velho Clifford.)

WARWICK ·

Chegou a hora de um de nós, ou de ambos.

YORK · Warwick, busca outra caça; deixa-me esta,
que eu lhe vou dar o golpe derradeiro.

WARWICK · Faze-o, então, nobremente; é por um
[trono

que te bates. Afirmo-o, com a certeza

que tenho de vencer: é pesaroso,
Clifford, que eu te abandono sem combate.

(Sai.)

CLIFFORD ·

Que estás vendo, York, em mim? Por que paraste?

YORK · Tua viril figura poderia
deixar-me por ti preso, se não fosse

seres meu inimigo encarniçado.

CLIFFORD · Eu poderia despender louvores
à tua valentia, se a não visse
posta a serviço da traição, da infâmia.

YORK · Ela vai me amparar contra o teu gládio,
por a ter sempre usado na defesa
da justiça e do bem.

CLIFFORD · Jogo a alma e o corpo.

YORK · Parada formidanda. A postos, vamos!

(Batem-se. Clifford cai.)

CLIFFORD · *La fin couronne les oeuvres.*

(Morre.)

YORK · A guerra te deu paz, achaste a calma.
Se lhe permites, Deus, paz a sua alma.

(Sai.)

(Entra o moço Clifford.)

O MOÇO CLIFFORD ·

Vergonha e confusão! Debandam todos!
Nasce a desordem do pavor, ferindo
quem amparar devera. Ó Guerra, filha
do inferno, transformada em instrumento
da cólera dos céus, lança nos frios
peitos dos nossos homens os carvões
ardentes da vingança! Não permitas
que nossa gente fuja. Quem à guerra
se consagra, descuida de si próprio;
só por acaso o egoísta é valoroso,
jamais por natureza.

(Vê o corpo do pai.)

Acabe o mundo
desprezível! As chamadas prometidas
do último dia a terra e o céu confundam!
Abafe a universal trombeta os ruídos

particulares e as mesquinhas vozes.
 Querido pai, estava destinado
 que vivesses em paz na mocidade,
 que usasses a argentina vestimenta
 da velhice experiente, e, assim, viesse
 a acabar em batalha desalmada
 os teus dias de calma e de respeito?
 à vista deste quadro transformou-se-me
 em pedra o coração, que, enquanto vida
 me restar, ficará duro e insensível.
 York os velhos não poupa; o mesmo aos filhos
 farei dos inimigos. Como o orvalho
 sobre o fogo, serão virgíneas lágrimas
 para mim, e a beleza que por vezes
 abranda a tirania, para a minha
 cólera, em chama, vai ser óleo e cera.
 Nada terei que ver, daqui por diante,
 com a compaixão. Se eu me encontrar com um filho
 da casa de York, o deixarei em postas
 como a doce Medéia fez com Absirto.
 A crueldade me vai deixar famoso,
 daqui por diante. Vamos, nova ruína
 de um solar tão antigo.

(Carrega o corpo.)

Como Enéias

outrora carregou o velho Anquises,
 nos meus ombros viris eu te carregou.
 Mas Enéias levava um fardo vivo,
 mais leve do que as minhas amarguras.

(Sai.)

(Entram Ricardo e Somerset, lutando; Somerset é morto.)

RICARDO · Fica-te aí!

Debaixo deste escudo desprezível
 de uma cervejaria, no castelo
 de Santo Albano, Somerset, morrendo,
 dá fama à feiticeira. Espada, a têmpera

conserva; coração, prossegue iroso.
 Pode o padre rezar pelo inimigo;
 a um rei cumpre matar, dar o castigo.

(Alarma; movimento de tropas. Entram o Rei Henrique, a Rainha Margarida e outras pessoas, em retirada.)

RAINHA MARGARIDA ·

Que lerteza, senhor! Tende mais vida!

REI HENRIQUE ·

Ninguém escapa ao fado, Margarida.

RAINHA MARGARIDA ·

Afinal? Nem fugis, nem vos dispondes
 a lutar. É preceito da coragem,
 sim, da sabedoria, do sentido
 de defesa, saber perder terreno,
 tentando a salvação de qualquer jeito;
 e ora há um jeito, somente: a retirada.

(Sinal de alarma, ao longe.)

Se fordes preso, adeus tudo que temos!

Mas se tivermos sorte e conseguirmos
 fugir, o que faremos facilmente,
 se não negligenciardes, chegaremos
 a Londres, onde somos estimados
 e onde reparo se fará depressa
 na brecha que sofreu nossa fortuna.

(Torna a entrar o moço Clifford.)

O MOÇO CLIFFORD ·

Se o coração não me pressagiasse
 maiores infortúnios, eu pudera
 blasfemar, sem pedir-vos que partísseis.
 Mas importa fugirdes; desenfreada
 balbúrdia o coração dos nossos homens
 domina por completo. Fugi logo,
 se quereis escapar. Ainda haveremos
 de viver para o dia da ventura,
 ao inimigo cedendo a sorte dura.

(Saem.)

Ato V · Cena III

Campo perto de Santo Albano.

*Alarma. Retirada. Toque de clarins;
 depois, entram York, Ricardo, Warwick e soldados, com
 tambores e bandeiras.*

YORK · De Salisbury quem me dá notícias,
 o leão idoso que na sua cólera

se esquece dos embates e de todas
 as contusões do tempo e, como um bravo
 na flor da idade, sabe achar recursos
 em qualquer ocasião? Não poderemos
 considerar feliz esta jornada,
 nem dizer que ganhamos um só palmo,
 se ele, acaso, morreu.

RICARDO · Meu nobre pai,
hoje o ajudei três vezes a montar,
três vezes o amparei quando caído,
três o tirei do campo, suplicando-lhe
que se poupasse; mas sempre ia achá-lo
onde era grande o risco. Qual vistoso
tapete em casa pobre, era a vontade
naquele corpo fraco e envelhecido.
Mas, com toda a nobreza, ei-lo que chega!

(Entra Salisbury.)

SALISBURY · Por minha espada, hoje lutaste bem.
Pela missa, nós todos. Agradeço-vos,
Ricardo. Só Deus sabe quanto tempo
ainda eu tenho de vida; mas três vezes,
hoje, ele quis que vós me protegêsseis
contra a morte iminente. Meus senhores,
não é bastante terem debandado

os nossos inimigos, porque sempre
com muita rapidez se refizeram.

YORK · É certo, nossa segurança exige
que lhes vamos no encalço, pois, segundo
me disseram, o rei foi para Londres
a fim de convocar o parlamento.

Persigamo-los, antes que eles possam
enviar as circulares. Lorde de Warwick,
que opinais? Correremos atrás deles?

WARWICK · Atrás deles? De forma alguma; à frente
deles, se for possível. Por minha honra,
meus senhores, o dia foi glorioso.

Há de ficar famosa esta batalha
de Santo Albano, em que York é o vencedor.

Sigamos para Londres, para a festa!

Se outras horas contássemos como esta!

(Saem.)